

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



ANO X - Nº 16
PIRACICABA - 2018

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano X – nº. 16
Piracicaba – Junho de 2018

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:
JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: joaonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:
Antonio Carlos Fusatto
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Evaldo Vicente
Ivana Maria França de Negri

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974
audaxia.adx@gmail.com

★ ★ ★

*As opiniões expressas, assim como a revisão de texto,
nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Em busca de paz / Autofagia / Simplicidade</i>	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>A moeda do Sassá / Bem-te-vi / Opúsculo para Estela / Ser Mãe / Telurismo</i>	11
Aracy Duarte Ferrari – <i>Cristo Ressuscitou Aleluia! “Jesus é um espírito de infinita luz” / Desencontro / Desequilíbrio / Para o Brasil mudar</i>	17
Armando Alexandre dos Santos – <i>A vida quotidiana na Hélade dos tempos de Homero</i>	23
Barjas Negri – <i>Piracicaba conquista seu Hospital Público Regional Dra. Zilda Arns</i>	29
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Seja breve! / Crise sob as ondas</i>	39
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Danúbio Azul / Mulher</i>	41
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>A alma do livro / Os verdadeiros olhos de Menelau</i>	45
Edson Rontani Júnior – <i>Meus cães, meu passado e minha vida</i>	47
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Sincronia com o universo</i>	51
Esio Antonio Pezzato – <i>O Evangelho Segundo Judas Ish-Kiriot</i>	53
Francisco de Assis Ferraz de Mello (Honorário) – <i>Oração</i> ...	63
Geraldo Victorino de França – <i>Esclarecendo algumas dúvidas – 14, 15, 16, 17 e 18 / Curiosidades da Língua Portuguesa</i>	65

Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Uma declaração de amor aos livros</i>	69
Ivana Maria França de Negri – <i>Poema Verde / “Vou-me embora pra Pasárgada!”</i>	75
Leda Coletti – <i>No sussurro das brumas</i>	79
Lino Vitti – <i>Capiwaras</i>	83
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Experiência no interior de Rio Branco, no estado do Acre / Sobre os pés...</i>	85
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Um mergulho na espiritualidade</i>	91
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>A glória do mundo / Luar na cozinha / Amigo</i>	93
Myria Machado Botelho – <i>Páscoa</i>	101
Newman Ribeiro Simões – <i>serenata / sensações luminosas / violência cósmica no meu canto lírico</i>	105
Raquel Araujo Delvaje – <i>Só por hoje...</i>	111
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Ofício / Ocaso / Hodie / Luazul / Cabala</i>	115
Vitor Pires Vencovsky – <i>Um piracicabano em Tóquio</i>	121
Waldemar Romano – <i>Academia Brasileira de Letras – Quando os imortais se reviram no túmulo</i>	129
Walter Naime – <i>Ausente para o próximo atento para o distante.</i>	131
APL em ação – Noticiário	133

APRESENTAÇÃO

Esta revista da Academia Piracicabana de Letras, a de número 16, foi a última produzida, editada e entregue nos meus três anos de mandato, que vence agora no mês de maio. Foi-me muito gratificante poder ter doado do meu tempo algumas horas para presidir essa tradicional e reconhecida instituição do campo literário. Fundada em 11 de março de 1972, pelo grande folclorista João Chiarini, tem prestado grandes serviços à literatura e cumprido suas finalidades ao “congregar escritores interessados em temas e questões literárias”, incentivando a produção de textos, sejam livros, contos, crônicas, poemas e poesias e oferecendo as páginas desta revista para a divulgação dos trabalhos dos acadêmicos. Ressalto que durante o triênio que se encerra, não sem dificuldades, cumpriu-se a deliberação tomada no sentido de trazer a lume, a cada ano, dois números da revista.

Isso somente foi possível, graças à colaboração do qua-

dro associativo, que tem enviado textos de excelente nível, com temas de qualidade e que despertam interesse, para serem publicados. Expresso, uma vez mais, a minha gratidão a todos que têm colaborado, pois sei que, para alguns, sempre muito ocupados, é difícil encontrar o tempo próprio e necessário para a elaboração de trabalhos no campo da literatura.

Para todos os diretores e demais acadêmicos registro, também, o meu sincero “muito obrigado” pelo trabalho, apoio, estímulo, compreensão, sem o que nada teria sido realizado. Devo tudo a vocês.

Faço destaque especial para a dedicada e competente atuação do editor da revista, o acadêmico João Umberto Nassif, que foi fundamental para a qualidade editorial deste periódico e dos anteriores, para os quais trabalha sempre voluntaria e carinhosamente. Receba, Nassif os cumprimentos e os agradecimentos de todos os acadêmicos que represento.

À nova diretoria, que assumirá o comando da Academia Piracicabana de Letras, por três anos, a partir da posse a ser realizada no próximo mês, apresento os meus cumprimentos pela eleição e os votos de profícua gestão.

Saudações a todos.

Gustavo Jacques Dias Alvim

PRESIDENTE

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Em busca de paz

Talvez procures a paz
No esplendor das catedrais
Com seus áureos castiçais
Cheirando o incenso fugaz...

Ou ainda nas capelas
Tão humildes, pequeninas,
Sem pinturas nem cortinas,
Entre a fumaça das velas.

Ou no silêncio das matas,
Tão sombrias e tão densas...
Lá nas montanhas imensas...
Nas melodiosas cascatas.

Na profundidade dos mares,
Na calma dos ventos,
Na clausura dos conventos
Ou entre nuvens nos ares.

No sorriso extasiante
De uma menina brincando;
No amor-pureza brotando
Do coração de um infante.

No doce olhar das crianças...
Na pomba rola do mato...
No pequenino regato,
Com águas quedas e mansas.

Talvez procure a esmo,
A paz que julgas perdida,
Estando a mesma escondida
Lá no fundo de ti mesmo!

Autofagia

Os dias nascem devorando auroras,
E vão-se as horas devorando os dias.
A idade passa devorando os anos,
E os oceanos: rios de águas frias.

O espaço infindo devorando os ventos,
Canhões sangrentos devorando a guerra...
A mesma guerra devorando o mundo,
O vale fundo devorando a terra.

Assim vivendo, nessa vil voragem,
Com tal coragem, nesse desatino,
O mundo segue sua incerta viagem.

As criaturas todas se carcomem...
Todas se comem... Que infeliz destino:
– o próprio Homem, devorando o Homem!

Simplicidade

Nuvens brancas no azul do infindo espaço,
Passarada no verde dos pomares,
Velhos rios migrando rumo aos mares,
Ventos calmos, soprando sem cansaço...

Chuva e Sol climatando bom mormaço,
Lua Cheia a espelhar raios solares,
Fauna e Flora, parceiras exemplares,
Os insetos zumbindo em descompasso...

Natureza é Poesia: apenas vive!
E com rimas (toantes) vive livre...
E sem rimas, transborda liberdade.

Nós humanos podemos ser felizes,
Se aderirmos às suas diretrizes,
Abraçando a infantil Simplicidade!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

A moeda do Sassá

Achei uma moeda gritava Sassá,
vou levá-la para casa,
no meu cofre vou guardar!
Vocês querem vê-la?...

Mas não vou deixar,
ela é muito valiosa.
Ninguém pode olhar;
Eu que achei, e não vou mostrar!

Correndo e pulando,
com ela na mão.
Pisa em casca de banana,
estatela-se no chão!...

Bem-te-vi

Quando o sol rompendo aurora,
do coqueiro, se faz ouvir.
Um cantar tão singelo,
do pequeno bem-te-vi.

Bem-te-vi, bem-te-vi,
Trinado alegre de se ouvir.
Seguido dos tons tremulantes dos pardais,
e assobio suave de puvis.

Meu alegre canoro alado,
tudo faz pro ninho não ruir.
Busca palhas, busca ramos e folhas secas,
com esmero a construir!

Se preciso longe voa, pra material encontrar,
não passa o tempo à-toa,
qual cigarra só cantar.
Laborioso passarinho sabe o tempo aproveitar.

Opúsculo para Estela

Assim é a vida:
Nascemos como o sol,
irradiando alegria, luz e calor.
Anoitecer para muitos,
traz insegurança, medo, desespero e dor.

Nessas páginas brancas,
chora minha caneta,
lágrimas de tinta.
Ao comentar, momentos de alegrias
e, outros de desditas.

Lá fora é sol ardente,
mas sua presença Estela querida;
torna-o menos quente.
Sol, como rastro de sangue envolve a tarde,
extasiado volvo o'lhaz para você;
com o rosto ora rúbido, ora escarlate.

Como se fosses a mais linda estrela
do céu, quando a noite é mais escura.
Teu sorriso de criança inocente,
numa boca linda, quanta formosura!

Estela neta querida,
quando triste e indeciso,
queimo minhas agruras,
nas chamas do seu sorriso.

Ser Mãe

Ser mãe é a poesia,
que dá vida à mais harmoniosa poesia.
Assim, de toda união quando bem nascida,
surge para o mundo, crianças mui queridas.

Criança tem a beleza d'um poema,
e a candura divinal.
Tenra flor, alma serena,
abençoada obra-prima angelical.

Ser mãe é poesia,
é vida gerando vida!
Qual nota procurando nota,
pra harmonizar uma melodia.

Gerar vida é semente, é como gota d'orvalho,
mostrando toda grandeza do Criador.
Qual rubra rosa a florir num vaso,
mãe é: um símbolo de amor!

Ser mãe é, tarefa interminável,
é perder horas de sono, é dedicação e calor.
É abelha que produz amor,
mais doce que favo de mel.

Ser mãe é Maria,
em pé frente à cruz.
A mater dolorosa, toda lacrimosa,
olhando o Filho em agonia!...

Telurismo

O tímido cume da montanha virgem,
em contato com nimbos-estratos.
Parece ordenhar as nuvens,
pr'alimentar, nascentes e regatos.

Céu nimbooso, torna cérulo todo espaço,
trovões fazem a terra tremer.
Gotículas miraculosas banham o roçado,
sementes germinando, cotilédones a nascer.

Sentado na porta da palhoça,
sertanejo reza, não se cansa de agradecer.
Chuva farta, é boa colheita na roça,
final de outono, inverno a suceder.

Assim como a chuva banha o rincão,
no rosto carquilhado pelo sol,
lágrimas passeiam e, projetam-se ao chão
Sertanejo voltará para o labor, já no próximo arrebol.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Cristo Ressuscitou Aleluia!
“Jesus é um espírito de infinita luz”.

Páscoa, principal celebração da fé cristã. Cristo morreu para redimir nossos pecados. Ele é nosso Senhor e Salvador!

Refletindo sobre as passagens bíblicas dos Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas, Cartas e Apocalipse sabe-se que Jesus transcendeu a morte, ressuscitou trazendo a todos, esperança de uma vida nova. Encontramos muitas mensagens deixando por Cristo, documentadas, comprovadas e testemunhadas pelos apóstolos e por pessoas que tiveram contato com Ele: João Batista, Nicodemos, Marta, Maria, Lázaro, Zebedeu, Jairo, José.

Para entendermos melhor é preciso lembrar que Jesus de Nazaré, da descendência do profeta Davi, nasceu, viveu e morreu dentro do contexto histórico do século I.

Ele nasceu em Belém, da Judeia, viveu em Nazaré, Galileia, Cafarnaum e morreu em Jerusalém terminando sua missão terrena, Ressuscitou após o terceiro dia e subiu aos céus. Jerusalém foi o ponto de chegada do caminho de Jesus e também o ponto de partida, do caminho da Igreja, que prossegue a missão de Jesus.

No dia a dia, a leitura das mensagens nos ajudará a acionar nossa sensibilidade e nos aproximar de Deus.

Mensagens:

Pai nosso que ... Oração suprema;
 Amar o Senhor teu Deus de todo coração e alma;
 Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei;
 Quem comer do meu pão terá a vida eterna;
 Convertem – se porque o reino de Deus esta perto;
 Felizes os puros de coração porque verão a Deus;
 Se alguém quer me seguir, renuncie a se mesmo tome sua cruz e me siga.
 Sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus;
 O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar;
 A fé direciona e ilumina a vida;
 Eu sou a videira e vósos ramos;
 Quem vive e crê em mim jamais morrerá;
 O que deres a meu irmão, a mim o dará;
 O sermão da montanha.

Analisando as passagens citadas, percebemos que Jesus estabeleceu a aliança entre Deus e os homens e nos contemplou com sua Glória do filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade, é filho do Altíssimo e se fez homem trazendo para a história o plano da salvação.

Refletindo sobre os milagres de Jesus, nos sensibilizamos.

Curou leprosos, cegos, surdos paráliticos, expulsou demônios, ressuscitou Lázaro, a filha da viúva de Nain e o filho de Jairo, Bodas de Caná transformou água em vinho.

Profundas são as suas Parábolas

O filho Pródigo, Multiplicação dos Pães e Peixes, Tesouros Escondidos...

Realmente Jesus Cristo é maravilhoso, Onipresente, Onisciente e Onipotente.

Aleluia! Aleluia! Jesus Ressuscitou.

Desencontro

Noite cor de rosa, enluarada para poetas é um convite para produções literárias. Versos e prosas mesclados com ênfase sobre as fases da lua e sua cor.

Até São Jorge em seu cavalo, aparecem nos textos principalmente nos envoltimentos amorosos.

Os jovens de alto astral que pintam suas vidas de dourado também apreciam o ambiente lunar. Assim aconteceu com jovem casal que após uma semana de intenso trabalho, isolaram-se para namorar ao clarão da lua cheia.

Com a filmadora registrando detalhes, foram para o bosque da cidade. Sob uma árvore ipê amarelo, banco de encosto de madeira peroba torneado ao estilo romântico ocorreram cenas bem íntimas, até não registráveis.

Para compor o ambiente amoroso contribuíram: o verde primaveril que estava sorrindo, a lua nova aplaudindo, os pássaros entoando melodias, canções e a bica d'água provocando barulho relaxante. Como o casal precisava de emoções e silêncio para poder sonhar, a fonte pôs-se à cantar: chuí... chuí... chuí.

Tudo propício para uma grande noite de realizações dos apaixonados. Um verdadeiro eflúvio de amor.

Fantasia mil colaboravam transformando em realidade aquele inesquecível momento, tendo a lua como testemunha e o ipê como juiz. Acontece que a companheira a fim de curtir o local adentrou o matagal em suas trilhas ecológicas admirando e conversando com a natureza. Ao retornar, perdeu-se.

Após um período de insistência para encontrar o caminho de volta, já cansada, desistiu deitou-se aconchegando-se a tapete macio de verdes gramas, começou a ouvir canções das aves, barulho do corre-corre de pequenos animais e o vento da brisa suave. Isso tudo era semelhante ao som de um concerto que ela ouvindo adormeceu!

Desequilíbrio

Nos deslizes agitados do tempo
nem percebo as pessoas que me cercam.
As ocorrências dos fenômenos naturais
a distância, sou levada num campo.

Mas, nesse jogo de contrastes
há aglomeração em busca do nada
sentindo complexidade e contradição
meu pensamento redobro em partes

Impera vontade, defesa e brio
Minha inquietação procura caminhos
para milhares de seres sem história
no país com perplexidade e desequilíbrio.

Para o Brasil mudar

Na direção de nosso país considerado democrata, república federativa, os governantes trocam o cenário, mas não mudam a triste realidade. O estado brasileiro passa por grave situação fiscal e econômica e pode-se afirmar que se encontra atolado em profundidade.

São urgentes mudanças porque as crises estão presentes, a econômica e da saúde, da família e da escola, de ética e de caráter. Em destaque os valores éticos e morais devem nortear a vida de um país. É preciso buscar soluções compatíveis, viabilizar novos rumos, adotar diretrizes e bases seguras nos investimentos, agilizar o que está bom e corrigir os erros gritantes. Estamos sem rumo e sem esperança!

Existem acentuadas discrepâncias, é só observar como eram as classes sociais em tempos passados, nem sei precisar quando! Tínhamos uma pirâmide social onde a base bem populosa era dos pobres, a menor classe média dos proletariados e no ápice bem pequeno a classe dos ricos. Hoje na mesma pirâmide em sua base estão os paupérrimos, na médio os pobres e proletariados e no ápice os riquíssimos.

Nesse cenário como pode-se conviver no pátria amada, onde estão os fracos, pequenos e oprimidos e bem próximos os poderosos, os grandes e alguns privilegiados em altos escalões?

É preciso rever a passagem Bíblica que afirma:” VAMOS DESPERTA, TU QUE DORMES, LEVANTA... OLHA...CAMINHA”.

Deve-se assumir essa passagem participando ativamente das manifestações sociais, como o

Movimento de massa (povo na rua) e a utilização dos meios de comunicação: internet, jornal, rádio, tv e celular exigindo mudanças necessárias e prementes.

Referindo-se a celular a ANATEL divulgou que existe em atividade milhões de celulares, portanto estes deverão ser utilizados na Campanha 2018.

Prático e eficaz é saber selecionar os candidatos, nossos representantes para os cargos eletivos. Estes deverão ter competência técnica, capacidade de liderança, discernimento e experiência; para tanto é preciso analisar sua biografia, suas propostas e compromissos de campanha. A eleição deste ano será a mais acirrada do país.

Concluindo DEUS deu inteligência ao homem, para que ele faça a sua própria história; é hora de assumir; as eleições estão próximas!!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

A vida cotidiana na Hélade dos tempos de Homero

O gênero “vida cotidiana” sempre me fascinou, pois permite mergulhos em certas sociedades do passado, estudando-as e analisando-as em profundidade, nos mais variados aspectos da sua realidade viva.

Não é um gênero fácil. O autor de uma “vida cotidiana” necessita conhecer profundamente não só a história de uma época, mas precisa de conhecimentos multidisciplinares muito extensos, sob pena de falhar redondamente no quadro que traçar.

Recordo que o primeiro livro dessa fascinante série que li foi “A vida cotidiana na Rússia, no tempo do último Czar”, de Henri Troyat, franco-russo autor de numerosos livros históricos ou de ficção que mais tarde eu devoraria com avidez. Li, depois, “A vida cotidiana em Lisboa, ao tempo do terramoto”, de uma autora francesa, de cujo nome não me recordo; “A vida cotidiana em Viena, no tempo de Schubert”, de Marcel Brion; “A vida cotidiana dos médicos franceses, no tempo do Rei-Sol” e várias outras.

É fascinante o livro que venho resenhar : “La vie quotidienne au temps d’Homère” de Émile Mireaux, membro do famoso Institut de France. Foi publicado em 1954, precisamente o ano em que nasci, pela Librairie Hachette, de Paris. Começo por explicar a sua metodologia.

Mireaux se baseou, na descrição da sociedade grega, sobretudo nos dois poemas homéricos, documentos que ele considera *“em extremo preciosos, mesmo porque são insubstituíveis”*, mas, como ressalta na introdução, teve bem presente que Homero estava escrevendo sobre fatos muito anteriores, de modo que sua descrição da realidade social e da vida cotidiana correspondia mais ao seu tempo do que à realidade da Guerra de Troia e do peregrinar de Ulisses pelas vastidões oceânicas. Mireaux não se limitou a essas obras. Consultou também, e muito, os poemas de Hesíodo, escritos na segunda metade do século VII a.C., destacando que a descrição da vida rural que o poeta fez *“apresenta um grande valor documental, pois, se há um domínio no qual as modificações são lentas e insensíveis, esse é exatamente o domínio da sociedade camponesa”*.

Também a Arqueologia forneceu informações importantes para a obra, especialmente nas tumbas, em que foram conservados muitos objetos de uso cotidiano que era costume sepultar junto com os mortos.

Outras fontes, menos diretas, também foram consultadas:

“A essas fontes diretas, há, por fim, que acrescentar as indiretas, que não são sempre as menos preciosas... São textos e instituições posteriores que dão testemunho e nos informam incidentalmente sobre a vida dos primeiros séculos da história grega. Ademais dos textos históricos propriamente ditos de Heródoto e de Plutarco, e de indicações esparsas colhidas eruditamente em diversos escritos políticos, filosóficos ou simplesmente literários, é preciso mencionar especialmente os textos jurídicos. As mais antigas legislações, na medida que nos são conhecidas pelas citações e inscrições, as de Dracon e de Sólon, as leis de Gortino, sem esquecer as leis hipotéticas de um Licurgo, contêm disposições que nos informam acerca de períodos mais recuados, seja porque se limitem a codificar velhos costumes, seja porque se apliquem a modificá-los ou restabelecê-los. ... O estudo crítico das instituições e dos costumes que se perpetua-

ram longamente nas cidades mais conservadoras, notadamente em Esparta, pode, por fim, fazer grande luz sobre as antigas estruturas familiares e sociais do mundo grego. As análises efetuadas nessa área por Henri Jeanmaire, à luz da etnografia comparada, revelaram-se particularmente produtivas. É verdade que sempre subsistem lacunas, como num vaso quebrado que se tenta reconstituir a partir de seus cacos. Mas é lícito, com os elementos disponíveis, tentarmos fazer reviver aquele longínquo passado pelo qual sentimos, movidos pelo prestígio da poesia, tão invencível atração”.

Quis traduzir esse longo trecho extraído da Introdução porque, do ponto de vista metodológico, ele me pareceu de grande importância, como exemplo prático e concreto de uma reconstituição do passado, feita a partir de elementos de ordens e tipos muito diversos. Um trabalho inteligente de combinação e remontagem permite chegar a resultados muito consideráveis.

Explicadas as fontes em que Émile Mireaux se baseou e a metodologia que utilizou, passo ao conteúdo do seu livro.

O primeiro capítulo é destinado a fixar bem os contornos do que o autor chama “o universo homérico”. Mostra que é um universo muito reduzido, muito delimitado no tempo e no espaço e também restrito na sua possibilidade de evolução. Que quer ele dizer com essa “restrição na possibilidade de evolução”? Ele esclarece, logo de início, que existe uma noção fundamental, sem a qual não se entende o mundo grego. É a noção de destino, um destino que ordena e conserva o mundo e que rege não apenas o homem e a natureza, mas os próprios deuses. O autor se estende longamente, no primeiro capítulo, na exposição desse conceito de destino, mostrando que ele preside a tudo, deixando, porém, uma discreta margem de liberdade e de iniciativa aos deuses e aos próprios homens.

O segundo capítulo descreve minuciosamente a residência senhorial. Descreve não apenas as várias partes dessa

residência, mas estende-se sobre os elementos do mobiliário e da decoração. O terceiro é sobre a vida senhorial, destacando sua simplicidade, sua rusticidade, bem como a quase total ausência daquilo que hoje consideramos indispensável conforto. Fala da influência do clima, nas várias estações do ano, e sobre como a vida se adapta a esse ciclo. Fala dos cuidados corporais, das vestimentas e dos adornos, masculinos e femininos. Fala ainda, extensamente, dos *génos*, grupos sociais equivalentes à *gens* romana, constituídos por grupos de famílias que mantêm a noção de que descendem todas por linha masculina de um mesmo antepassado comum. Relaciona a pertencença a um *génos* com a classe social nobre. Mostra como a autoridade do chefe de *génos* tem algo de realeza, mas engloba elementos econômicos, políticos, sacerdotais e jurídicos (inclusive judiciais). Fala da primogenitura, importante elemento indispensável, mas não suficiente, para determinar a chefia da *génos*. Fala da riqueza (territorial e em rebanhos) dos genetas, fala de sua pequena corte, composta por parentes, criados, amigos, companheiros de armas etc. Fala dos divertimentos da classe nobre, em especial a caça. Estende-se sobre o significado dos cães, seres muito importantes no mundo homérico. Fala sobre as viagens dos nobres e sobre os deveres da hospitalidade, sobre a alimentação rotineira e as festividades. Fala da psicologia da vida senhorial, rude na aparência, mas comportando uma elevação, por vezes, a refinadas gentilezas e a uma delicadeza de sentimentos de fidelidade e amizade.

O capítulo seguinte trata das profissões religiosas e intelectuais, falando do sacerdócio, dos sacrifícios, dos adivinhos, dos oráculos, dos médicos e exorcistas. Sobre os médicos (os Asclepiades, que se diziam descendentes do deus Asclépio), mostra seu caráter hereditário, com segredos passados de pai a filho através das gerações. Fala, ainda, dos aedos, cantores e poetas, e dos músicos.

O cap. V é dedicado aos camponeses e soldados. Explica bem a noção de *cleros*, ou seja, um lote de terras atribuído a uma unidade familiar. É uma noção que variava nas várias regiões da Grécia e que também foi sendo modificada ao longo do tempo. Fala das regras da conservação, da transmissão e da exploração do *cleros*. Fala também da vida militar, da formação, do armamento e das vestimentas dos militares.

O cap. VI é sobre o povo miúdo e os trabalhos no campo, dos servidores, dos camponeses, dos pescadores, nas várias fases do ano e nas várias regiões da Grécia. O seguinte refere-se aos demiurgos e artesãos citadinos. Mostra bem a importância econômica e a função social dessas classes, que pouco a pouco ascenderam economicamente e atingiram um nível que tem certa analogia com a indústria burguesa moderna. Fala da “aristocracia comerciante e industrial” e de seus conflitos com a velha aristocracia de sangue e de posses territoriais, pela disputa do poder político.

O cap. VIII trata das vinganças de sangue e lutas entre famílias, fala das reconciliações e acordos familiares, do ordálio e do suicídio, da natureza e dos limites da justiça privada. A meu ver, é dos mais interessantes do livro.

O cap. IX é consagrado à vida feminina. Fala da mulher no lar, na vida e no governo da família, fala do noivado, do casamento e dos nascimentos, da vida religiosa, dos mistérios femininos e da prostituição.

O X trata das festas populares, dos funerais e dos jogos, enquanto o XI trata dos excluídos da sociedade. Tem por título “*O mundo dos errantes e dos desenraizados*” □ marinheiros, viajantes, mendigos, exilados e mercenários.

O último capítulo apresenta, à guisa de conclusão, uma visão de conjunto.

É obra fascinante, que merece uma leitura atenta e agradável. Para os que não dominam o idioma francês, existe uma

tradução brasileira, publicada em 1960 pela Editora Livros do Brasil. É facilmente encontrável em sebos, ou pelo site da Estante Virtual.

Recomendo ler e completar a leitura assistindo ao filme “Odisseus”, de 1997, dirigido por Andrei Konchalovsky e tendo como ator principal Armand Assante. As cenas iniciais e as finais, passadas em Ítaca, ilha da qual Ulisses era rei, mostram de modo muito vivo e fidedigno o universo reconstituído por Émile Miraux.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICO BARJAS NEGRI
Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

Piracicaba conquista seu Hospital Público Regional Dra. Zilda Arns

Em 1970, não havia o SUS (Sistema Único de Saúde). A população trabalhadora com carteira assinada, e seus familiares, eram atendidos pela rede hospitalar pública e privada, credenciada pelo antigo Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps).

Tínhamos em Piracicaba a Santa Casa, o recém-instalado Hospital dos Fornecedores de Cana e dois hospitais particulares – Clínica e Maternidade Amalfi e Hospital Santa Mônica. Não havia hospital público, mas já se discutia sua necessidade.

O primeiro a atentar para esta necessidade, talvez, tenha sido o prefeito Cássio Paschoal Padovani, que propôs transformar o prédio inacabado do Hotel Municipal, próximo à Ponte do Mirante, num hospital público. Em 1971, ele chegou a enviar à Câmara de Vereadores um projeto de lei propondo a doação do prédio do Hotel ao Inamps, para sua posterior transformação em unidade hospitalar pública. Por uma série de razões, essa ideia não prosperou e, muitos anos depois, o prédio tornou-se o tradicional Hotel Beira Rio.

Em 1988, em plena campanha eleitoral para prefeito, o então candidato e ex-prefeito João Hermmann Neto propôs transformar o novo prédio administrativo da Prefeitura, que estava em fase de conclusão, em um hospital municipal. Essa proposta, um tanto intempestiva, também não prosperou e, em dezembro desse ano, foi inaugurado pelo prefeito Adilson

Maluf, o Centro Cívico e Cultural Florivaldo Coelho Prates, à rua Capitão Antônio Corrêa Barbosa, onde funcionam muitos serviços públicos municipais até hoje.

Na legislatura municipal de 1989/1992 da Câmara de Vereadores, o médico e vereador Luiz Reis, com o apoio de outros vereadores e da própria sociedade civil, propôs que a Prefeitura encampasse o prédio do Hospital Samaritano, cujas obras estavam paralisadas, para transformá-lo num hospital municipal. Esse prédio localizava-se à margem da Rodovia do Açúcar, na região do Dois Córregos. Em que pese o grande apoio a essa iniciativa, a proposta também não prosperou. Mais tarde, o prédio foi demolido e a área está se transformando num empreendimento imobiliário, ao lado do hipermercado Makro.

Com a reforma psiquiátrica de 2001, o Hospital Cesário Motta, em Santa Teresinha, foi desativado e muitas forças políticas da cidade desejaram que a Prefeitura ficasse com suas instalações para serem usadas como hospital municipal. Essa proposta demonstrou ser inviável pelas características estruturais e técnicas bastante distintas de um hospital psiquiátrico e de um hospital geral.

Não podemos nos esquecer que, durante a gestão do governador Fleury (1991/1994), o governo do Estado abriu licitação para construção do hospital regional em Rio das Pedras, em área de divisa com Piracicaba, cedida pelo grupo Dedini. A obra chegou a ser contratada e realizados os serviços de limpeza do terreno. No entanto, contrato e obra foram cancelados por falta de recursos orçamentários e financeiros e, mais uma vez, a região viu frustrada a possibilidade de ter o seu hospital regional público.

Tempos depois, o Hospital Santa Mônica, na rua Fernando Febeliano da Costa, bairro dos Alemães, foi alugado pela Cooperativa Médica Unimed, atendendo seus clientes durante muito tempo até o momento em que a cooperativa

médica decidiu construir seu moderno hospital na avenida Antonia Pazzinato Sturion, no bairro Santa Cecília. As instalações do hospital no bairro dos Alemães ficaram ociosas e a Prefeitura foi pressionada por diversas autoridades políticas, empresariais e sindicais a encampá-lo e transformá-lo em hospital municipal. Em razão das mudanças trazidas nas normas de Vigilância Sanitária, a reforma e adaptação daquele prédio também tornaram-se financeiramente inviáveis.

A Clínica e Maternidade Amalfi, que atendia na avenida Saldanha Marinho, ficou um bom período subutilizada e, a exemplo do que ocorrera com o hospital Santa Mônica, a Prefeitura também foi procurada para assumir toda essa estrutura para torná-la um hospital municipal. Essa alternativa foi estudada com mais atenção, contudo não se concretizou. O Hospital dos Fornecedores de Cana arrendou o prédio, o transformou em um Hospital Dia, atendendo sua clientela e pacientes do SUS ao longo de vários anos, até sua desativação.

É importante lembrar essas iniciativas. Todas elas, de uma forma ou de outra, sempre apontaram para a necessidade de mais leitos hospitalares públicos para atender à população de Piracicaba.

Em 2008, em plena campanha eleitoral para a segunda gestão à frente da Prefeitura, o debate sobre a necessidade de mais leitos hospitalares e de um hospital público ganhou fôlego. O médico João Pauli, que havia sido secretário municipal de Saúde e vivido as dificuldades para internação na rede hospitalar credenciada pelo SUS, ao disputar também o cargo de prefeito, colocou como programa de seu governo a construção e implantação de um hospital municipal. Uma boa proposta que apresentava uma questão delicada: um hospital municipal dificilmente receberia recursos estaduais ou federais para sua manutenção, onerando muito os cofres do município e, conseqüentemente, inviabilizando-a.

Por outro lado, após ter vivido quatro anos com as di-

ficuldades de internação dos pacientes do SUS nos dois hospitais credenciados – Santa Casa e Fornecedores de Cana – juntamente com o secretário municipal de Saúde, Fernando Cárdenas, passamos a estudar a possibilidade de construção e implantação de um hospital público de âmbito regional. Também envolvemos na discussão o médico e secretário municipal de Esportes, Pedro Mello, o médico e vice-prefeito Sérgio Pacheco, os dois vereadores médicos Márcia Pacheco e Ary de Camargo Pedroso Júnior, além de outras lideranças na área da saúde e dos principais líderes na Câmara de Vereadores, como os líderes de governo no período, José Aparecido Longatto e José Luiz Ribeiro.

A partir do diagnóstico da falta de leitos, incluímos no plano de governo para a gestão 2008/2012, uma parceria entre o governo estadual e o Ministério da Saúde para viabilizar a implantação de um hospital público de âmbito regional, com prioridade para atendimento nos 11 municípios da microrregião de Piracicaba. Essa proposta garantiria a manutenção do hospital, com aporte de recursos das demais esferas de governo.

Ao vencer as eleições em 2008, com margem expressiva de votos, nossa responsabilidade aumentou consideravelmente e, já no primeiro mês do novo mandato, foi constituída uma comissão para estudar a viabilidade do hospital. Os trabalhos deveriam definir sua dimensão, localização, especialidades médicas, elaboração do projeto, orçamento e recursos necessários.

Após estudos preliminares, que comprovavam a falta de leitos em Piracicaba, em especial do SUS, chegou-se à conclusão que o hospital deveria ter 220 leitos entre enfermaria, centro cirúrgico, UTI e leito dia. Outra sugestão importante foi a de projetar um hospital horizontal, de forma que a construção pudesse ser modular, em etapas, o que levou a uma questão adicional: a utilização de um terreno maior.

Em paralelo, foram visitados diversos hospitais em São Paulo e Campinas e o Ipplap (Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba), comandado pelo arquiteto João Chaddad, fez um estudo dos terrenos disponíveis. Também foram vistas questões ligadas à contratação de consultoria especializada em rede hospitalar, do projeto preliminar e executivo, além da alocação de recursos na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), no Plano Plurianual (PPA) e na Lei Orçamentária Anual (LOA).

A área escolhida para implantação do hospital estava na região do Taquaral, próximo aos bairros Santa Rita e Perdizes, devido a sua acessibilidade pela avenida Pompeia e Rodovia do Açúcar, além da proximidade com a Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), que desenvolve vários cursos na área da saúde, facilitando a participação de estagiários e parcerias com cursos na área de saúde.

O terreno estudado na avenida Antônio Elias, ao lado do Santa Rita, tinha pavimentação em apenas uma das pistas e era de propriedade da Usina Furlan, de Santa Bárbara D'Oeste. No total, era deles uma área urbana de 700 mil m², onde cultivavam cana-de-açúcar. Por mais de um ano, realizamos diversas reuniões aqui e em Santa Bárbara, e contamos com a boa receptividade de toda a família Furlan, que viu com bons olhos uma negociação com o setor público, envolvendo a implantação de um ou mais loteamentos, que foram estudados pelos seus proprietários, recebendo diretrizes urbanísticas da Prefeitura, que solicitava uma área de 80 mil m². De forma resumida, decidiu-se que a usina cederia a área de 80 mil m², sendo 35 mil m² referentes a 5% de área institucional dos futuros loteamentos, e permuta de 45 mil m² pela pavimentação asfáltica da segunda faixa da avenida Antônio Elias, que ficaria de responsabilidade da Prefeitura, além de uma parceria para que a estação de tratamento de esgoto dos loteamentos e do hospital fossem compartilhadas. Com o pas-

sar do tempo, todas essas questões foram equacionadas e a Prefeitura obteve a posse e o registro do imóvel de 80.055,16 m², numa boa articulação do Procurador-geral, Milton Sérgio Bissoli.

O projeto executivo definiu um prédio de 18.706 m², numa 1ª etapa, com 132 leitos de internação (84 de enfermaria, 20 de UTI e 28 semi-intensivos), um centro cirúrgico central, com 7 salas e 3 salas de centro cirúrgico do hospital-dia. Quando houver necessidade, acontecerá sua ampliação com mais dois blocos, com 3 mil m², gerando mais 42 leitos de enfermaria cada, totalizando 6 mil m² e 84 novos leitos. Há espaço para tanto e ao final desta ampliação, o hospital passará a oferecer 216 leitos.

Com a definição do terreno e do projeto executivo, iniciou-se mais uma longa etapa da viabilização dos recursos e o estabelecimento de parcerias para equipar e garantir a manutenção do hospital.

Do ponto de vista político, envolvemos toda a sociedade na construção do hospital regional: Acipi, Simespi, Conespi, Conselho Municipal de Saúde, Câmara Municipal de Piracicaba, Conselho Regional de Medicina, Associação Médica de Piracicaba, Universidades e diversas outras entidades de classes, além de Prefeituras e Câmaras de Vereadores da região.

No governo estadual, tivemos o apoio do governador José Serra (2007/2010) e de Geraldo Alckmin (2011/2018) e a participação de três secretários estaduais de Saúde: Luiz Roberto Barradas Barata, Giovanni Guido Cerri e David Uip. No Ministério da Saúde, debatemos a questão com três ministros: Humberto Costa, José Temporão e Alexandre Padilha, que reafirmaram a necessidade do hospital de âmbito regional para facilitar a participação federal no seu custeio e assumiram o compromisso de ajudar.

Na verdade, o primeiro apoio externo veio com o convênio com a Secretaria Estadual de Saúde, que liberou, em

2012, R\$ 20 milhões para aquisição dos equipamentos e firmou compromisso com a administração e operacionalização do hospital, ficando para 2014 a realização dos serviços de infraestrutura externa.

A empresa vencedora da licitação foi a *Tratenge*, de Belo Horizonte (MG), com larga experiência na construção hospitalar. O contrato inicial, sem a infraestrutura externa, sofreu alterações ao longo da execução devido à necessidade de adaptação do projeto. No entanto, em 2013/2014, a empresa passou por dificuldades financeiras e a Prefeitura decidiu rescindir o contrato. Esse processo levou quase um ano até que uma nova licitação fosse realizada para as obras complementares. Ao mesmo tempo, outra licitação acontecia para obras de pavimentação de área externa, do estacionamento e paisagismo. Esta fase também levou quase dois anos, retardando a conclusão definitiva da obra.

Uma edificação dessa envergadura e complexidade, requereu atenção especial da Secretaria de Obras do município e o secretário Arthur Ribeiro teve um papel fundamental no seu planejamento e execução, exigindo muita articulação com a equipe técnica, em especial do engenheiro Werner Bassinello. Ao mesmo tempo, foi necessária uma boa articulação com a Secretaria de Finanças que, por meio do secretário José Admir Moraes Leite, garantiu o orçamento necessário à execução e, em especial, a liberação regular do fluxo financeiro, evitando qualquer constrangimento durante o contrato.

A parceria para que o governo estadual assumisse a administração do Hospital Regional recebeu a autorização da Câmara de Vereadores de Piracicaba em outubro de 2013, com a aprovação e promulgação da Lei Municipal nº 7.753, de 22 de outubro de 2013, consolidando toda articulação político-administrativa para a viabilidade do funcionamento do hospital, autorizando a cessão do prédio e instalações do Hospital à Secretaria de Estado da Saúde.

Em 2016, as obras e suas instalações poderiam estar concluídas se não fosse a exigência da Secretaria Estadual de Saúde de uma adaptação e reforço no sistema de climatização do hospital, que demandaria novo investimento de cerca de R\$ 1 milhão.

Por alguma razão ainda não esclarecida, a Prefeitura demorou para realizar esses serviços, mesmo tendo o governo estadual oferecido os recursos necessários. O fato é que tivemos outro atraso em mais um ano na conclusão e entrega do prédio. Para não perder mais tempo, e prejudicar ainda mais a população, decidimos acelerar todo o processo. Tomamos posse no terceiro mandato, em 1º de janeiro de 2017 e, no mesmo mês, abrimos a licitação para adequação do ar-condicionado. Em agosto tudo estava concluído, vistoriado pela Secretaria Estadual de Saúde e, com a aprovação técnica do prédio e instalações, o processo de funcionamento do hospital pôde ser, finalmente, ativado.

Com o atraso das obras em 2014 e 2015, a Prefeitura deixou vencer o prazo de validade do convênio de R\$ 20 milhões para aquisição e instalação dos equipamentos. Os recursos tiveram que ser devolvidos ao Estado, o que também contribuiu para o atraso no início do funcionamento do hospital. Essa situação só foi resolvida com a assinatura do convênio para administração do hospital com a Unicamp, incluindo a verba necessária para aquisição dos equipamentos.

Aproveito este espaço para responder a uma pergunta que a sociedade pode fazer: afinal, quanto custou o hospital e quem contribuiu para isso? Na verdade, o Hospital exigiu um investimento de R\$ 109,3 milhões, sendo 86,6 milhões em obras e infraestrutura interna e externa e R\$ 22,7 milhões com móveis e equipamentos. A Prefeitura contribuiu com R\$ 77,3 milhões e o governo estadual com R\$ 32 milhões. Não houve participação de qualquer recurso do governo federal.

Para o seu funcionamento em 2018, a Secretaria Esta-

dual de Saúde alocou R\$ 35,8 milhões, valor que será de R\$ 47,8 milhões em 2019. Com esses recursos, a Fascamp contratará inicialmente mais de 350 funcionários, além da equipe médica, pessoal suficiente para, no 1º ano de funcionamento, realizar um total de 3.300 internações hospitalares e, no 2º ano, mais de 5.200 internações, além de consultas ambulatoriais e exames de diagnósticos e de imagem.

De forma resumida, apresentamos a cronologia dos fatos:

- Em 24/09/09 apresentação do projeto a sociedade piracicabana e regional em evento realizado na Estação da Paulista;
- Em 23/06/10 publicado a licitação das obras do hospital;
- Em 11/08/10 assinatura do contrato e início das obras do hospital;
- Em 23/05/11 lançamento da pedra fundamental do hospital no Santa Rita;
- Em 10/09/10 início das obras;
- Em agosto/11 promulgação da Lei nº 7041 de autoria do vereador José Luiz Ribeiro, denominado de Dra. Zilda Arns o Hospital Regional;
- Em agosto/17 conclusão das obras, com instalações complementares da climatização do hospital;
- Em 1º de agosto de 2017, o governador Geraldo Alckmin assina o Decreto nº 62.743 criando o Hospital Regional dentro de estrutura hospitalar da Secretaria Estadual de Saúde;
- Em 24 de agosto de 2017, a secretaria estadual de saúde vistoria e aprova a estrutura e instalações do hospital;
- Em 24/nov/17 o Governo Estadual através da Secretaria Estadual de Saúde assina o contrato de gestão com a Universidade Estadual de Campinas;
- Em dezembro de 2017 chegam os primeiros equipamentos, aparelhos e móveis do hospital;

- Em janeiro de 2018 é publicado pela Unicamp o edital de seleção dos funcionários a serem contratados pelo hospital;
- Em março de 2018 inicia-se a triagem dos primeiros pacientes do hospital;
- Em 16 de março de 2018 é inaugurado definitivamente o Hospital Público Regional Dra. Zilda Arns, com a presença do governador Geraldo Alckmin e do secretário de Estado da Saúde, doutor David Uip.

Em que pesem todas as dificuldades enfrentadas, a Prefeitura soube administrar durante anos os recursos públicos necessários para realizar o desejo de todos de conquistar o tão almejado Hospital Regional Público que, ao longo dos próximos 30 anos, irá atender gratuitamente a população que depende do atendimento hospitalar do SUS de Piracicaba e região.

Para mim, foi uma honra muito grande ter iniciado e concluído as obras e instalações do Hospital Regional. Dezenas de pessoas participaram de forma direta ou indireta na conclusão dessa importante tarefa, sem qualquer atraso no fluxo financeiro. A Prefeitura construiu o Hospital Regional com parcela significativa de recursos municipais. Um agradecimento especial também ao chefe de Gabinete, Miromar Rosa, que soube imprimir bom senso e seriedade em todas as dificuldades técnicas, políticas e de comunicação em todos esses anos.

Muitos colaboraram para o êxito dessa empreitada, mas os grandes vencedores são os piracicabanos que apoiaram e acreditaram que era possível realizar um empreendimento dessa magnitude: o maior investimento social público da cidade e região nos últimos 50 anos. Piracicaba e região já não precisam sonhar com um hospital público, porque ela acaba de se tornar realidade.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Seja breve!

Em 2017, a revista Bula fez o seguinte desafio: escreva um romance (com começo, meio e fim) utilizando até 500 caracteres (com espaços) com exceção do título. Os editores selecionariam os quinze melhores microrromances para publicação no *site*.

Receberam mil cento e tantos textos de 853 autores. Meu “Crise sob as ondas” foi um dos classificados. Podem me dar os parabéns, estou entre os quinze melhores microrromancistas loucos por desafios estapafúrdios do Brasil. :)

Espero que gostem do texto:

Crise sob as ondas

No navio submerso, alguns tripulantes sobreviviam num bolsão de ar. O médico calculou que tinham uma hora de oxigênio. Mal contou aos outros, levou um tiro do vigia.

“Ele era grande, respirava demais!” justificou-se o assassino.

“E você é asmático, vai ter uma crise e acabar com o nosso ar. Devia atirar em si mesmo,” disse a enfermeira.

“Não vou ter uma crise!”

“Vai sim!”

“Não... v...”

“Viu? Já está tendo.”

Antes de sufocar, o vigia atirou nos enfermeiros. Ninguém restou para bater S-O-S nas paredes.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Danúbio Azul

Os braços vigorosos enlaçam
E me conduzem no amplo salão
Colunas marmóreas testemunham
Nosso rodopio incorpóreo
Você e eu, em simbiose
Um vestido diáfano alongado
O terno de riscado impecável
E giramos, giramos
Atemporalmente lascivos
Jovens almas de amor pleno
Tomados pela música envolvente

Meu corpo se desprende
Por um átimo sofrido
E o vento fustiga um rosto do presente

O xale pesado de lã se solta
Com o suspiro de melancolia exalado
Não há mais notas musicais
Resta apenas a fita de azul desbotada
Adorno de meus cabelos senis....



Mulher

No teu colo
Ninho onde aquietas
Filhos e desalentados
Recostadas almas
Inspiram-se poetas
E versejam vida
Fluida e benfazeja

E pelos descaminhos
Há sempre a mão feminina
Amparando e acalantando
Noturnos que acalmam
E retomam rotinas
Necessárias ao momento

Única e imprescindível
Do olhar de sonho
Transfigura a realidade
Em plenitude
E Vida!



COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

A alma do livro

Um escritor, ao escrever, coloca no livro parte de sua alma e parte de seu corpo através do pensamento cerebral.

A porção cerebral é a parte “ao pé da letra” e é entendida pelo leitor com o intelecto.

A porção escrita pela alma é a parte dita “entre linhas” e é absorvida pela intuição. Esta última, corresponde à alma do livro e está em constante mutação, de acordo com o estado de espírito do leitor, tanto que é comum se dizer: “é como observar um rio, o rio é o mesmo, mas o importante é a água que está sempre mudando.” Isto é, cada vez que você lê um mesmo livro, você tem um entendimento diferente.

Mas quando você lê o mesmo com os olhos da alma, irá entender sua essência, suas entrelinhas, sua alma.

Os verdadeiros olhos de Menelau

Menelau era um nordestino, desses de nome estrambótico, que quase sempre se usa no nordeste.

Nasceu e foi criado na maior das misérias em Xererê, pequena vila do sertão cearense.

Desde criança passara fome, tendo que comer calangos, cactos e farinha de mandioca com água suja substituindo o leite.

O cabelo do menino era ralo, fino e sem brilho. Era barbigudinho, de braços e pernas finas, atestando seu estado de subnutrição.

O que o bacuri via no dia-dia era apenas sol, céu azul sem nuvens, terra seca toda rachada e poeira, muita poeira.

A mãe não lhe dava nenhum carinho, o pai muito menos, só lhe davam surras com vara de marmelo, pois não tinham rabo-de-tatu.

Amigos, não tinha nenhum, pois entre dezoito irmãos famintos, não podia existir amizade nas disputas pela parca comida, era cada um por si.

Só tinha o cachorro, mesmo assim, meio amigo, pois já levava uma bela mordida no rosto e até perdera uma das vistas quando tentou tirar do cão a raposa que o mesmo havia caçado.

Às vezes experimentava comer terra, mas nem sabia se por vontade própria ou por vontade das lombrigas que infestavam sua barriga.

Mostrava nas costas a marca do ferro quente de marcar boi, daquele dia em que o filho do patrão de seu pai o marcara de brincadeira.

Seu único olho estava cheio de berebas e expurgava uma ramela grossa e amarela.

Um dia, perdeu também esse olho, rasgado por um espinho de mandacaru.

O buraco que ficou, tornou-se um verdadeiro paraíso de bernes, que ao pulular no globo ocular vazio, pareciam remexer seu cérebro.

Um dia, andando na noite negra da cegueira, sob o sol escaldante, pisou em algo liso, macio e frio. Levou a mão para sentir o que seria e a jararaca o liberou da morte em vida.

Sua verdadeira visão se abre e inundada pela luz divina vê uma mão macia tomar a sua, arrastando-o como se para um vôo.

Solta-se do corpo mirrado e volta a ver a vida real que chamamos de morte.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Meus cães, meu passado e minha vida



– Força, amigão! Você consegue!!! – disse diversas vezes ao Pancho, um boxer alemão com cerca de dez anos de vida. Diversas semanas antes ele se entregou para a morte, como se sentisse a partida de meu pai e logo em seguida a ida de sua companheira Xuxa, uma fox paulistinha que partiu devido a diversos tumores malignos que se alastraram por sua cadeia mamária levando metástase para todo o corpo.

Foi assim que em agosto de 1997, o velho boxer se entregou para a morte. Um dia antes, ainda me lembro, ele correu atrás de uma bola, brincou comigo à noite, como se estivesse diante da felicidade. Às 18 horas do dia seguinte, ainda no trabalho, recebo o telefonema de minha mãe dizendo que ele não estava mais respirando. Aí terminou uma jornada iniciada dez anos antes e deixou uma dura decisão tomada na família: “não teremos mais cachorro em casa, pois eles se integram à nós e, quando partem, deixam uma lacuna imensurável”.

Pancho – não me lembro ao certo se foi em homenagem ao trio musical Los Panchos ou ao Sancho Pança, fiel amigo de Don Quixote de La Mancha – uivou como nunca houvera feito, em fevereiro daquele ano, ao “sentir” a morte de meu pai. Todos sentimos é claro, mas animais morreram e perdemos plantas depois desta passagem, dando-me certeza de que eles tornam-se parte de nosso ambiente. Mas, seu maior pesar, deve ter sido a partida de nossa cadelinha Xuxa que, não tendo mais que 40 centímetros, impunha muito respeito ao boxer com mais de 1,60 metro. Como cresceram juntos, viveram bons momentos como um casal... igual às pessoas.

O fim da vida de Xuxa foi condenado pelo veterinário que a operara duas vezes anteriores para extirpar o câncer que atingia suas mamas talvez por nunca ter procriado. Foi “mãe psicológica” de uma bonequinha loira de borracha. Cuidava dela como se fosse sua filha. Enrolava-a em um pano e a levava de um lado para outro, ficando brava quando mexíamos nela. Em abril ou maio daquele ano a anemia obrigou-nos a tomar a decisão – como se tivéssemos este direito – a tirar sua vida. Pancho ficou inconsolável, pois sentia a ausência de meu pai e depois da companheira. Acordava à noite com medo! Como pode um cachorrão assim sentir medo?! As portas de minha casa ainda têm as marcas de suas ranhuras como se ele pedisse para que as mesmas ficassem abertas, solicitando companhia além de só dormia com a luz acesa. Foram três ou quatro meses de tratamento envolvendo homeopatia e alopatia. Quantas vezes tive de sair do meio do expediente de trabalho, carregá-lo até o veterinário para tomar soro e esperar alguma reação. Mas... nada! Nenhuma reação... Entregou-se à morte como um ser humano.

Os mais céticos podem crer que muitas crianças abandonadas nas ruas deveriam ter a atenção que damos aos cachorros. Mas... cada cabeça uma sentença.

O francês Anatole France escreveu em 1908 que um monge chegou a uma ilha onde só havia pinguins. Cegado pelo branco da neve confunde-os com homens, evangeliza e os

batiza. Ao saber de tamanha heresia, os céus urdem e os anjos, santos e Deus ouvem, durante a assembleia, a ideia de Santa Catarina: que seja concedida uma pequena alma aos animais.

Como disse, cada cabeça uma sentença.

Fui criado com cães em casa desde a gestação. Sempre ouvi falar da basset Soraya com a qual mantive contatos enquanto engatinhava. Recordo dela através de fotos. Importante presença em minha vida foi a boxer Diana que durou 18 anos, inteligente como ela só, adorava nadar na margem direita do Rio Piracicaba em uma chácara próxima ao Nauti Clube Bela Vista e ficava em pé para abrir as maçanetas da casa.

No meio dos anos 70, Diana dividiu espaço com um coelho de nome Kiko, o qual foi trocado pela fox paulistinha Kika, inteirinha branca com uma pinta preta nas costas. O nome era dado a um dos quadros famosos do programa da TV Globo "O Planeta dos Homens", Kika e Xuxu (vivido por Agildo Ribeiro). Kika de repente se entregou à vida por uma virose. Não andava, não comia, perdeu toda a alegria que nos deu durante anos. E sentimos com isso.

Kika e Diana ainda dividiram espaço com a boxer Pantera. Ainda me lembro de ter visto um de seus irmãos, com poucos meses, no colo de sua dona que terminava de realizar compras no Supermercado Guerra (depois Supermercado Catarinense) que existia no cruzamento das ruas do Rosário com Prudente de Moraes, próximo à também saudosa Loja da Lua, uma esquina depois. Pantera foi ativa, brincalhona.

Se for para contar meus anos de vida, prefiro contar pelos anos dos cães que passaram por ela. Cada década ou fase me remonta a alegria e o companheirismo de todos que tivemos. Ouvi dizer que o cão há mais de 10 mil anos vive dos restos dados pelo ser humano. Se colocarmos um deles numa ilha eles morrem. Não têm o dom de caçar, de preparar sua comida, de escolher o que é certo (lembre-se do número de envenenamento que as estatísticas mostram).

O homem tem o poder de se redimir diante de seus erros e por isso ficamos um pequeno período sem esse fiel

companheiro. Em 1999 adquirimos a daschound Tara que nos presenteou com quatro filhotes, dos quais apenas a Pretinha permaneceu com a mãe. Tara também deixou-nos sentido, morrendo em janeiro de 2017.

Morte – “É uma foquinha!” – Disse Myrian Vendemiatti ao retirar do veterinário outra cadela importante em minha vida, de nome Julica. Em setembro de 2003 foi vitimada por uma virose e depois por uma hemorragia. Foi triste ver o corpo daquela cachorrinha sem raça, branca com manchas pretas, em uma caixa de papelão sem vida com o nariz sangrando. Ia-se ali mais uns anos de minha vida. Foi-se com ela aquela companheira dos churrascos, seu jeito “pidão” de fazer massagem nas costas. Mas, quando fui retirá-la do veterinário, tive uma lição de vida. O mesmo tinha cerca de dez cães e gatos abandonados. Dois cegos que pareciam saudáveis, um sem uma das patas, um verdadeiro asilo de animais domésticos mostrando antes de tudo que a eles não existem intempéries, e que isso é coisa de humano!

A vida de Julica terminou no Cemitério dos Animais, situado no Bairro São Jorge, num trabalho exemplar feito por Myriam Vendemiatti. Animais de todos os tipos são ali enterrados com honras e orações. Gatos, cães, roedores, aves... Tudo! Cada um em sua cova com nome. Cães da Polícia Militar enterrados por terem sido baleados por criminosos. Parei. Refleti sobre a vida. Relembrei de meu primeiro contato com um animal. Recordei o que um grande colega outro dia me disse: “o homem é seu passado, é sua recordação”. Tive a certeza disso, Cecílio Elias Netto... Meu passado é cheio de recordações. Amargas ou boas. Mas o hoje é ação do que fiz ontem.

Agora que me lembrei: desde o enterro de Julica nunca mais fui visitá-la. Apareci ao Cemitério de Animais para enterrar Nikky, nossa coelha americana que nos deu outro ensinamento de vida. Hoje, Sophia – uma lhasa apso – é quem nos dá a alegria de ser cachorrinha da casa, recebendo as honras como se fosse a mais nova bebezinha da casa.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA
Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Sincronia com o universo

Existe uma sincronia entre todos os integrantes da humanidade. É um elo que nos une como um DNA. Há memórias emocionais advindas desde o primeiro ser humano. Para nos conhecer e saber de onde viemos, precisamos ouvir as vozes internas da inteligência emocional. Há muitos níveis de evolução, e quando uma pessoa, ou um grupo de pessoas, não participam dessa sincronizada emocional, que une os seres humanos, estes perdem o contato com o todo, e este afastamento leva à estagnação.

Como o universo é dinâmico, qualquer movimento num sentido diverso da direção para onde segue o todo, causará um desequilíbrio. Verificando as causas desses movimentos diversificados e ilógicos, chega-se a seguinte explicação: muitos deles advêm de contatos de vidas passadas que hoje se completam nos relacionamentos com amigos, parentes e até com desconhecidos. O equilíbrio vem da reciprocidade de sentimentos, construída por bons vínculos, da reciprocidade às amizades e não por sentimentos negativos de competitividade, da busca do sucesso a qualquer preço.

Temos direito ao sucesso e sua oportunidade vem na hora certa e no momento cabível, quando nos esforçamos para isso. A competição gera uma inversão de valores, que ao invés de levar ao sucesso, motiva os fracassos mais amargos. Regredimos para o estado de animalidade, e por certo, não mostramos racionalidade, quando competimos para sobreviver, ou quando nos digladiamos na procura de alimentos. Você se ama? Então ame seu igual, lembran-

do sempre da máxima “Amai-vos uns aos outros”. Se não se ama não espalhe seu negativismo, porque será uma bola de neve. Não prejudique seu meio se fazendo de vítima de todos. Coopere com a humanidade! Todos têm esse dever. É um dever cristão porque somos irmãos. Viemos todos da mesma fonte e o universo conspira conosco para essa integração recíproca. Quando nossos pensamentos são de maldade, de egoísmo, de inveja e de maledicência, a própria pessoa que assim pensa, gera uma energia negativa que degrada a sua personalidade e seu físico, ao ponto de adoecer seriamente. É um círculo vicioso de ação e reação. Leis da natureza: a carga negativa vai, mas volta para a própria pessoa, como um bumerangue australiano.

Vamos nos unir esparramando nossos dons com alegria, bondade e fraternidade sendo um com os outros e não contra os outros. Deus nos ensina que nos amássemos e não que nos amassemos. Quando desejamos o bem para outrem, ele volta, portanto é melhor desejar amor do que ódio. E o amor não é apenas um sentimento individual, mas coletivo, porque somos parte do todo, como um elo de uma corrente ou um tijolo numa construção. Temos um compromisso com as leis universais, porque estamos vinculados com todo o universo, sincronizados com ele, alinhados com ele. Desde os primórdios da humanidade há um anseio eterno da nossa alma que nos liga a ele, pois viemos da mesma fonte divina que Jesus sempre chamou de Pai.

Devemos, pois, ouvir as vozes internas da inteligência emocional! Quando nascemos chegamos completos, porém, durante a vida adquirimos medos e construímos couraças que nos afastam do caminho que nos foi traçado pelo todo, porque, às vezes, não aceitamos idéias novas, e por simples falta de informação, de questionamento, ou porque somos inflexíveis, ficamos presos ao plano terreno e perdemos o vínculo que nos liga ao universo. Como aprendizes eternos que somos, preferimos a mesmice à evolução!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ESIO ANTONIO PEZZATO
Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra

O Evangelho
Segundo Judas Ish-Kiriot
(POEMA APÓCRIFO)

(PRIMEIRA PARTE DO POEMA)

Eu – Judas Ish-Kiriot – Apóstolo de Cristo,
Para o povo cristão unicamente existo
Como o grande traidor do aguardado Messias;
E há dois mil anos sofro entre ódios e agonias,
Mas a minh'alma ainda em prantos grita e berra,
E eu não tenho sossego andando pela terra.

Para tentar mostrar minha visão dos fatos
E assim esclarecer o porquê de meus atos,
Necessário se faz, embora um tanto velho,
Que eu deixe por herança o meu próprio Evangelho
Com a certeza de ser pelo mundo perdoado
E assim eu possa ter meu sono sossegado.

Vivendo em K'far Nahum, numa ansiedade brusca,
Procurava encontrar, em minha insana busca,
As palavras de Deus nas vozes dos Profetas;
E eram tantos Rabis com mensagens completas,
Que confuso fiquei e, em delírio supremo,
Busquei me aconselhar com o velho Nicodemo!

E ele disse-me assim, à luz de velho archote:
– “Abre teu coração, oh! Judas Ish-Kiriot!
Precisas compreender as palavras divinas,
Pois elas valem mais do que o ouro das minas.

Busca os vales da Luz, da Palavra Sagrada,
E encontrarás a Vida ao longo da jornada!
Ah! Judas Ish-Kiriot, em meio às veleidades,
Haverás de encontrar tuas santas verdades.
Sossega a tua busca incessante, que em dias.
Irás reconhecer o aguardado Messias!”

Soube que Ele surgiu, sem provocar alarde,
Bem quando, no Jordão, Batista, numa tarde,
Pregava à multidão que em êxtase o seguia...
E quando o sol, no céu, lentamente, morria,
A quem estava perto o Profeta clamava:
– “Eu sou somente a voz que da verdade é escrava.
Em breve há de surgir, e com poder mais forte,
Aquele que será maior que a própria morte!”

Nisto, adentra o Jordão, para ser batizado,
Em silêncio, Jesus e se põe ajoelhado...
Estremece Batista e diz em tom profundo:
– “Este É o que vai tirar os pecados do mundo!...”
E, quando O batizou, veio o Espírito Santo
Riscando o céu num voo e pousou em Seu manto...
E em silêncio depois, tomando um rumo incerto,
Dizem que foi orar na aridez do deserto...

E, alimentando assim os meus sonhos mais belos,
Eu pensei encontrá-Lo em suntuosos castelos,
Pois o Ungido devia aparecer em Glória
Para, com Leis de Fogo, iluminar a História!

Haveria de ser maior e bem mais forte
Que Elias e Moisés! Sobrepujar a morte!
E, aos eleitos de Deus, no momento preciso,
Contente apresentar o eterno paraíso!
E eis que um dia eu O vejo!... Em júbilos e em festa,
A minh’alma de luz celestial se infesta...
Ele fitava o mar que se estendia imenso
Até encontrar o céu... Seu magnetismo intenso
Causava sensação estranha em quem O via...
Um fundo e firme olhar em frêmito fulgia,

Porém, à multidão, causava espanto e medo.
Por mais de quarto de hora, O fitei em segredo,
Tentando desvendar as Suas atitudes:
Não parecia ter as supremas virtudes
De um poderoso Rei... Demonstrava cansaço...
Por sobre o corpo forte e exuberante em traço,
Uma túnica velha e surrada O cobria...
Houve em meu coração um misto de alegria
E decepção... Acaso Aquele era o Rabino
A quem tentava atar meu sonho e meu destino?
Não poderia um Rei ser na vida tão pobre!
Mas a Sua altivez, carismática e nobre,
Fez-me pensar enfim que um excêntrico Ele era:
Tinha palácios, sim, mas morava em tapera:
Tinha joias de luz de lapidada lavra,
Mas Seu maior tesouro era o dom da Palavra!

Então medi-O bem: Seus passos alongados
Deviam reunir rebanhos dissipados;
Seus pés, sujos de terra, a desvendar caminhos,
Trilhavam, sem cessar, por estradas de espinhos...

Sigo Seus passos; firme, Ele me olha e me aponta
E, ao ouvir Sua voz, minh'alma fica tonta.

Tiago, Pedro e João não O largam por nada.
(E eu também, preso à Fé, com a vida encantada,
O começo a seguir...)

E por três longos anos
Parábolas nos disse em mais diversos planos...
Mas estas vinham sempre a confundir o povo.
E às Palavras das Leis dava um conceito novo.
Discutindo a Torá nas velhas Sinagogas,
Resplandecia em luz com Suas alvas togas,
Até que um dia, o povo, estorcegando os pulsos,
Após o Seu sermão, fez-nos todos expulsos
E os velhos fariseus ficaram aloucados
Com aquele Rabi de sermões inspirados.

Seu verbo era de fogo e a todos os presentes
Exultava em silêncio às perguntas pungentes:
Um dia, um fariseu, tentando-O ver confuso,
Ao Mestre formulou em acintoso abuso:
– “É lícito pagar a César os tributos?”
Cristo, porém, pensando e com gestos astutos:
– “Mostre-me uma moeda e eu dar-te-ei a resposta!”
E após, tendo nas mãos áurea moeda exposta,
Em brados perguntou:– “É de quem esta imagem?”
Responde o fariseu com expressão selvagem:
– “É de César!” E o Mestre em plena voz de ensino:
– “Somente dá-se a Deus o que é puro e divino!”

Estávamos ainda os laços estreitando
De amizade e ternura, amor e crença, quando,
Com Ele, certa vez, fomos nós a umas bodas
Em Canaã. Lá chegando as atitudes todas
Eram entre os demais convivas. Assustados,
Nós, intrusos ali, do Mestre convidados,
Ficamos contemplando entre brilhos imensos,
As danças nos salões. Entre lustres suspensos
Fortes fachos de luz fulminavam no ambiente.
Comia-se à vontade. O vinho rescendente
Em taças a espumar os ares embriagava.
De Jesus, Sua mãe, com todos conversava.

Horas tantas da noite e Maria é chamada.
Sai e retorna logo. Ardia a madrugada.
Ela chega até nós e diz quase em segredo
Para Jesus ouvir:– “Meu Filho, ainda é cedo,
Mas as tinas de vinho estão todas vazias;
Que podes Tu fazer? Prazeres e alegrias
Não podem combinar sem que se sirvam vinho!”
Jesus se levantou, com gesto de carinho
À Sua Mãe falou:– “O que queres que eu faça?”
Ela disse a sorrir:– “Que se encham cada taça,
E assim irá deixar feliz cada conviva!”
Jesus fitou-a firme e de forma afetiva:
– “Não é chegada, Mãe, com certeza, minha hora,

Por que me pedes isso?" E Maria, Senhora
Do momento Lhe diz:- "Se é muito que te peço
Mais devias fazer. Bem sabes que mereço
Que faças Tu por mim este simples desejo."
(E enlaçou-O feliz, pondo em Seu rosto um beijo!)
Jesus sorriu e disse à sua mãe querida:
- "Logo parto a viver junto aos meus Minha vida,
Mas vou te obedecer..." Em murmúrio se rende
Com sua firme voz que a ternura recende...

Maria sorridente atravessa a ampla sala
E aos servidores diz:- "Façam como Ele fala!"
Em silêncio eles vêm e ouvem a cristalina
Voz do Mestre:- "Enchei d'água essa primeira tina,
E as outras mais depois, e após encheis as taças,
E ides oferecer com nossas grandes graças
Àquele que na mesa é o Senhor desta festa."
Os servidores rindo e, seguindo de fresta,
Olhavam-se entre si duvidavam de tudo.
Todos eles, porém, com firme olhar agudo,
Foram servir à mesa o senhor, que tomando
Uma taça emborcou-a e, parado e cismando
Chamou o noivo e disse:- "É justo que primeiro
Sirva-se o vinho bom e de agradável cheiro,
Para servir depois o que menos agrade,
E aquele que tiver a pior qualidade,
Ao contrário, porém, fizeste até est' hora:
O vinho bom guardaste e, só o serviste agora..."

Ao vermos cena tal, ficamos nós com medos.
Eu olhava Tomé com cismas e segredos
Tentando compreender com a mente em remoinho:
- "Como pode fazer que água transmude em vinho?"

A mim Cristo chegou com o olhar cheio de graça:
- "Toma, Judas, nas mãos, e bebe desta taça!"

Foi assim que Jesus deu luz à Sua glória
E O vimos iniciar Sua Divina história...

Na manhã do outro dia, Ele foi à montanha
Para poder rezar. Depois, de forma estranha,
A todos nos reuniu. Da multidão imensa
Que estava a acompanhá-Lo, Ele, em palavra densa
Passou a nos chamar.

Eu estava tranquilo,
Saiba que ia ser escolhido a segui-Lo...

Bartolomeu, Filipe, André, João, Tiago,
Pedro, Mateus, Tomé (doido em seu sonho vago),
Simão, o Zelador, Mateus com seu capote,
Judas irmão de Tiago e eu Judas Ish-Kiriot!

E após Doze escolher dentre tantos presentes,
Ele nos abraçou e nos fez confidentes.
E era somente a nós que Ele se dirigia
Desde o nascer de um dia ao nascer de outro dia.

Féis de João – o Batista – assustados, confusos,
Tremiam, ao ouvir, os Seus verbos difusos!
Em certa ocasião, de forma única e estranha,
Ao povo declamou versos pela Montanha
E, com sonora voz repleta de esperanças,
A todos ensinou as bem-aventuranças:

– “Aventurado seja o de espírito pobre,
Porque o reino do céu com ternuras o cobre;
Aventurado seja o que caminha aflito,
Pois consolo terá ao ser chamado bendito;
Aventurado seja o pobre, o humilde e o manso,
Que a eles Deus dará seu mais fértil remanso;
Aventurado seja o que padece em fome,
Porque no céu será chamado pelo nome;
Aventurado seja o que clama a justiça,
Porque a sede de amor, no Eterno, também viça;
Aventurado sempre o misericordioso,
Porque em misericórdia irá viver glorioso;
Aventurado seja o de espírito puro,
Pois viverá em Deus, nos dias do futuro;
Aventurado sempre o que põe paz no mundo,

Porque, filho de Deus, terá o amor profundo;
Aventurado em luz quem vive perseguido,
Porque terá na terra o caminho florido;
Aventurado todo o que recebe ofensa,
Porque terá de Deus, sublime recompensa!"

Nós, num êxtase puro e tomados de espanto,
O ouvimos continuar o Seu supremo canto:

– “Vós sois o sal da terra! e em verdade vos falo:
Se o sal perder sabor, como recuperá-lo?
Vós sois a luz do mundo! e eu vos digo em verdade:
No alto céu não se esconde, acesa, uma cidade!
Por isso quero, enfim, que a luz seja constante
Em vossos corações, instante após instante!

– “Peço que não deixeis tesouros amontoados,
Porque a ferrugem vem, ou podem ser roubados;
Porém acumulai no céu vosso tesouro,
Que nem traça e nem roubo irão vos dar desdouro!

– “Vossos olhos serão as lâmpadas para a alma:
Se os olhos forem bons, podeis seguir com calma!
A dois patrões ninguém terá afeição sincera!
No inverno não se tem a cor da primavera!

– “Aquele que tiver mais de uma roupa em casa,
Entregue-a a seu irmão, que o amor assim abraça;
Não vos preocupeis em relação à vida:
Não faltarão na ceia a comida e a bebida.
Não vale a vida mais do que o próprio alimento?
Vede as aves do céu! Todas têm seu sustento.
Não semeiam o grão nem fazem a colheita.
E Deus não as sustenta, as colore e as enfeita?
E por ventura vós não valeis mais do que elas?
Quem, dentre vós, consegue, através de procelas,
Viver um pouco mais a sua própria vida?
Olhai a mata – a mesma está toda florida!
E ela jamais se cansa em mudar sua imagem.
Vede os lírios do campo em lírica roupagem,

Porém, nem Salomão, amontoado em ouro,
Em sua vida teve um mais rico tesouro!
E, se Deus veste assim a flor que está com vale,
E tem vida tão curta e amanhã nada vale,
Homens de pouca fé! Por que ficais com medo?
Comer, beber, vestir... a Deus não faz segredo.
Vosso pai sabe, sim, vossas necessidades.
E o dia de amanhã trará suas verdades!

– “A todos vós que estais me ouvindo, agora eu digo:
Amai e perdoai quem for vosso inimigo.
Fazei também o bem para quem vos odeia.
Ao que falar-vos mal, estendei a mão cheia
E uma oração fazei para quem vos infama,
Pois vosso coração é do amor rubra chama!

– “E, se alguém agredir vossa face direita,
A esquerda ofereci para nova desfeita;
Ao que vos arrancar dos ombros a manta única,
Não recusai também de lhe ofertar a túnica!
Dai sempre a quem vos pede alguma coisa em pranto
E jamais reclameis de quem vos rouba o encanto;
Para os outros fazei o que sonhais na vida
E a eles ensinai a estrada mais florida!

– “Se amais o que vos ama, isto não traz vantagem.
Pecadores também das mesmas formas agem;
E, se emprestais sonhando os lucros no futuro,
Agiotas também sonham com o alto juro.
Emprestai sem pensar em quaisquer recompensas,
Que o Altíssimo, então, vos cobrirá de crenças!

– “Peço que não julgueis e não sereis julgados.
Perdoai e sereis pelo Pai perdoados,
Atendei com prazer os pobres e oprimidos,
Pois desta forma ireis ser, um dia, medidos!

– “Não entregueis aos cães o que é divino e santo,
Também não atireis – em tenebroso espanto! –
As pérolas de luz aos porcos, pois seria
Insano cometer escabrosa heresia!

– “Se pedirdes com fé, tereis aberta a porta,
Pois aquele que pede e em oração exorta,
Jamais terá de volta os guizos das serpentes,
Muito menos terão feros ranges de dentes.
Se, sabeis ofertar o bem aos vossos filhos,
O Pai que está nos céus, vos cobrirá de brilhos.

– “Também vos digo agora: existem dois caminhos,
Mas no rumo do Bem, nunca estareis sozinhos.
Muitos seguem, porém pela estrada ampla e aberta,
Contudo ela conduz a uma estação deserta.
É de fato apertada, a estrada a ser seguida,
Porém, nela é que brilha a esperança perdida.

– “Também na vida existe a iníqua falsidade,
E muitos corações repletos de maldade.
Aparentando ser ovelhas entre oásis,
Muitos apenas são cruéis lobos vorazes.

– “Não se podem achar uvas nos espinheiros,
Nem da urtiga colher os figos prazenteiros.
Assim a árvore boa é que produz bons frutos,
E oferece o seu sumo em todos os tributos.

– “Afastai-vos de quem fizer iniquidade,
Pois o reino do céu abre a porta à bondade!
Os que dizem Senhor! Senhor! Também vos digo:
No reino de Meu Pai, não acharão abrigo.

– “O que ouve a minha voz, e no amor desabrocha,
E aquele que constrói o seu lar numa rocha,
Nem a chuva, a cair, nem também a enxurrada,
Irá deixá-los sós na densa madrugada.

– “Pode um cego guiar outro cego na trilha?
Os dois não vão cair na primeira armadilha?
E por que reparais no cisco em olho alheio
Se a trave em vosso olhar vive a causar-vos freio?
Assim como quereis, pedir, com gesto grave,
Para o cisco tirar se em vós trazeis a trave?
Hipócritas! Tirai a trave a vossa vista
Para poderdes ter da vida áurea conquista!”

E, quando alguém pediu-Lhe o ensino de uma reza,
Ele, calmo, falou com ternura e beleza:
– “Padre nosso que estais nos céus, santificado
O Vosso nome seja!...”

E o povo alucinado
Passou a acompanhá-Lo em praias e deserto,
Que o Seu verbo era puro e o Seu verbo era certo!

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO FRANCISCO DE
ASSIS FERRAZ DE MELLO**

Oração

Se eu tiver que escrever frivolidades
Então, Senhor, secai a minha mão.
Tantas dores rolando no sertão!
Quantos males e crimes nas cidades!

E eu não posso ficar indiferente
À sorte dessas almas desgraçadas
Que estão caídas, rotas nas calçadas
Como se fossem vermes e não gente.

Eu sei que há coisas boas nesta vida.
A fortuna e a sorte colorida
Há os que podem jogá-las pelo chão.

Mas são tantas as infelicidades
Que, se eu for escrever futilidades
Então, Senhor, secai a minha mão.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Esclarecendo algumas dúvidas – 14**a) Os camelos armazenam água nas corcovas?**

Não. A corcova é um grande depósito de gordura, do qual se nutrem quando não encontram alimento. Por isso, eles podem viajar pelo deserto por longos períodos sem comer, o que faz as corcovas diminuírem de tamanho.

b) O elefante bebe água com a tromba?

Não. A tromba é o nariz do elefante, mas também funciona como um órgão preensor. Para beber, ele puxa a água com a tromba e a descarrega na boca para depois engolir.

c) Por que, quando se vê um raio,**demora alguns segundos para se ouvir o trovão?**

Isso acontece devido à diferença de velocidade da luz e a do som: a luz se propaga com a velocidade de 300.000 km/seg, enquanto a velocidade do som é de apenas 342 m/seg.

d) O que significa a sigla INRI?

São as quatro letras iniciais das palavras latinas “Jesus Nazareno Rex Iudeus”, isto é, Jesus Nazareno Rei dos Judeus, frase que Pilatos mandou colocar sobre a cruz de Cristo.

Esclarecendo algumas dúvidas – 15**a) O que é Olimpo?**

Olimpo é nome de um maciço montanhoso da Grécia, com pico de 2.911 metros de altitude, situado na parte norte da Tessália, próximo ao mar Egeu. Os antigos gregos localizavam nessas montanhas a morada dos deuses.

b) Por que os pássaros voam em formação de V?

Porque a formação em V ajuda a economia de energia. Aqueles que vão na frente reduzem a resistência do ar, facilitando o voo para os outros. Quando os que estão na frente se cansam, eles são substituídos por outros menos cansados.

c) Por que a abelha morre depois de picar uma pessoa?

A abelha operária, encarregada da proteção da colméia, tem um ferrão provido de pequenas farpas, o que impede que seja retirada com facilidade da pele humana. Depois de dar a ferroadada, a abelha tenta escapar, mas por causa das farpas, a parte posterior do abdome, onde se localiza o ferrão, fica presa na pele da pessoa picada e, por isso, a abelha morre.

d) É verdade que as cigarras cantam até explodir?

Não é verdade. Como elas deixam a casquinha vazia nas árvores, depois de saírem do casulo, as pessoas menos esclarecidas pensam que elas cantam até explodir.

Esclarecendo algumas dúvidas – 16

a) Por que ocorrem as fases da Lua?

A forma real da Lua é uma esfera. A Lua gira em torno da Terra e ambas giram em torno do Sol. Conforme a posição que a Lua se encontra, em relação ao observador terrestre e o Sol, adquire aspectos diferentes, chamados fases da Lua. As principais são quatro: lua nova, quarto crescente, lua cheia e quarto minguante.

Quando a Terra fica entre a Lua e o Sol, vê-se uma das metades completamente iluminada (lua cheia). Se, ao contrário, a Lua fica entre a Terra e o Sol, não vemos a face iluminada, que fica do outro lado do observador (lua nova). Quando a Lua se coloca em posições intermediárias, só vemos pequenas partes da face iluminada (quarto crescente e quarto minguante).

b) Por que a maioria dos países islâmicos tem o nome terminado em “istão”?

Presente no nome de países islâmicos como Afeganistão, Cazaquistão e Uzbequistão, o sufixo “istão” vem da raiz iraniana “stam”, que significa lugar, país.

c) Por que os catarinenses são chamados de “barriga-verdes”?

A explicação é a seguinte: os catarinenses são “barriga-verdes de tanto tomar erva-mate.

Esclarecendo algumas dúvidas – 17

a) Por que existem as estações do ano?

Porque o eixo de rotação da Terra tem uma inclinação de 23 graus em relação a uma linha perpendicular ao plano da órbita de rotação da Terra. Por isso, cada um dos hemisférios passa metade do ano mais exposto aos raios solares do que o outro. Assim, para a mesma época do ano, as estações se invertem: quando é inverno no hemisfério sul, é verão no hemisfério norte, invertendo-se depois.

b) Por que os urubus não ficam doentes quando comem carne podre?

É porque eles possuem anticorpos que os protegem e os tornam mais resistentes às doenças que as outras aves. Mesmo assim, são raros os urubus que vivem mais de 5 anos, embora já tenham sido encontrados alguns com até 16 anos.

c) Os peixes dormem?

Não é bem isso. Eles alternam períodos de vigília e de repouso. O período de repouso consiste num aparente estado de imobilidade. Como não têm pálpebras, seus olhos ficam sempre abertos. Os peixes menores se escondem em buracos, enquanto algumas espécies se deitam no fundo do mar ou do rio.

Esclarecendo algumas dúvidas – 18

1. Afim e a fim de

Afim = que tem afinidade; semelhante.

A fim de = com o propósito de.

2. Mercúrio

Palavra com vários significados: a) divindade da mitologia romana; b) planeta do sistema solar, o mais próximo do Sol; c) metal líquido, também conhecido como azougue.

3. Flor e inflorescência

Flor é o órgão de reprodução das plantas Fanerógamas, constituído de cálice, corola, androceu e gineceu.

Inflorescência é um conjunto de flores agrupadas na extremidade de um eixo floral. Exemplo: girassol.

4. Fruto e infrutescência

Fruto é o ovário desenvolvido após a fecundação da flor.

Infrutescência é um fruto composto, formado a partir das várias flores de uma inflorescência. Exemplos: abacaxi, figo.

5. Cupim

Termo aplicado a: a) inseto que vive em colônia, na madeira ou no solo; b) giba ou corcova dos zebuínos.

Curiosidades da Língua Portuguesa

a) O nome alfabeto vem das duas primeiras letras do alfabeto grego – alfa e beta.

b) com a reinclusão das letras K, Y e W, o alfabeto que nós usamos volta a ter 26 letras.

c) Excluindo ranzinza, não existe outra rima para a palavra cinza.

d) O plural da palavra qualquer não se faz no final, como manda a regra, mas no meio: quaisquer.

e) Escreve-se muito, mas se pronuncia “muínto”.

f) Quem nasce no estado de São Paulo é paulista; e quem nasce na cidade de São Paulo é paulistano.

g) Quem nasce no estado do Rio de Janeiro é fluminense; e quem nasce na cidade do Rio de Janeiro é carioca.

h) Além do Brasil e Portugal, a língua portuguesa é falada em vários outros países da África (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe) e da Ásia (Goa e Timor Leste).

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Uma declaração de amor aos livros

Desde minha tenra idade, o mundo das letras, palavras e frases fascinaram-me. Fui apresentado a esse empolgante universo pela minha mãe, inicialmente no meu lar, por meios lúdicos, folheando livros e revistas, fazendo desenhos, recortes e pinturas, e, depois, aos sete anos, por ela mesma, quando iniciei meus estudos primários no Grupo Escolar “Castro Alves”, em Vera Cruz, pequena cidade paulista, onde nasci, e no qual tive a alegria de tê-la como professora do primeiro ano primário. Foi, portanto, a minha querida e saudosa genitora quem me alfabetizou, usando a “Cartilha Ativa”, cujo método era o sintético, responsável pela leitura rápida que adquiri.

Ao ser alfabetizado me encantei, ainda mais, com os vocábulos, as palavras, as letras maiúsculas e minúsculas, os parágrafos, os sinais gráficos (ponto final, dois pontos, vírgula, ponto de exclamação e de interrogação) que reunidos de determinadas maneiras, na forma de livros, revistas, cadernos ou simples cartas, nos permitem gravar, bem como eternizar o que se lê e o que se escreve. O prazer pela leitura levou-me ao estudo contínuo, à pesquisa e à sociologia, à história e ao direito, ao jornalismo, ao magistério e à gestão universitária, áreas do conhecimento que se tornaram presentes em minhas atividades, visando ao desenvolvimento intelectual e ao preparo para minha eclética caminhada no campo profissional, que já dura mais de seis décadas.

A partir daí, fui fazendo descobertas por mim mesmo e creio não ser exagero dizer que me apaixonei ainda mais pela leitura. Considero uma das minhas paixões a arte literária. Costumo dizer, talvez exageradamente, que se eu tivesse três

vidas eu passaria uma delas em casa, uma segunda viajando e a terceira, lendo.

Estimulado pelos meus pais, também leitores contumazes, tornei-me grande amigo e companheiro de livros, revistas e tudo o que fosse material impresso. Ainda cursando o primário, pude ler os livros mais importantes para crianças então publicados. Devorei, dentre outros, as famosas obras de Monteiro Lobato, com as suas inesquecíveis personagens: Narizinho, Dona Benta, Visconde de Sabugosa, bem como “Os doze trabalhos de Hércules”, correspondendo a uma dúzia de volumes, e vários outros livros de história, dos quais me lembro, para citar somente alguns, pois a relação é comprida: “Reinações de Narizinho”, “Caçadas de Pedrinho”, “O Pica-pau Amarelo” “Jeca Tatu”, “A Ilha do Tesouro”, “Viagens de Gulliver”, dentre muitos outros. Além disso, minha família assinava revistas infantis, também famosas e de grande circulação, que esperávamos mensalmente, vindas pelo correio, como o “Tico-tico” (com histórias do Zé Macaco e Faustina; Chiquinho; Réco-Réco, Bolão e Azeitona), o “Globo Infantil” e o “Globo Juvenil”, os “Gibis” e muitas outras de cunho moral, cívico, religioso ou de simples entretenimento.

Lembro-me, também, que meu pai era assinante da “Folha da Manhã” (atualmente, “Folha de São Paulo”), jornal diário que chegava da capital paulista pelo trem do final da tarde, com notícias do dia anterior, que era lido avidamente por ele, e o mesmo acontecendo com a entrega na nossa casa da “Voz de Vera Cruz”, este de circulação dominical, do qual meu progenitor foi eventual colaborador. Ele era médico, mas transpareciam seus dons de jornalista e escritor, tendo sido fundador e sócio de jornal, numa cidade mineira onde clinicou. Não se dedicou mais a essa área, porque sua ocupação profissional não lhe proporcionava o tempo necessário para esse mister.

Posso dizer que leio jornais desde meus dez anos de idade. Eu gostava de dar uma olhada nos dois jornais e ler neles o que me parecia interessante. Foi esse contato prema-

turo e despretenso com os periódicos que me propiciou um bom “vício” que alimento: ler jornais diariamente. Na minha casa, esses periódicos só são descartados depois que faço um xis com caneta na primeira página, o que indica que já os li e podem ser levados para a separação orgânica. Se houver interesse de minha parte em guardar algum exemplar ou recortar algo, eu o deixo assinalado com uma rubrica e a indicação da página que me interessa, evitando-se que seja jogado no lixo.

Quando não posso lê-los, parece-me que está faltando algo. Nesses casos, guardo-os para dar uma repassada em outro momento, antes de me desfazer deles. Antigamente, quando a tinta dos jornais tinha um cheiro mais forte, eu dizia que era esse odor o que me atraía.

Outro fato interessante, que confirma o meu amor pela leitura e que me faz também voltar à adolescência, foi a transformação da minha incipiente biblioteca, para torná-la um espaço público. Tínhamos mudado para Piracicaba, onde, inicialmente, moramos numa casa antiga, espaçosa, com garagem, grande quintal, pomar, horta, galinheiro, quartinho para despejo e pátio cimentado para jogar bola, andar de bicicleta, etc. Havia também, construídos separadamente da casa, mais quatro cômodos, três dos quais usados para instalar o consultório médico do meu pai, destinando-se o que sobrava para ser o local dos brinquedos, onde jogávamos, principalmente, futebol de botão, com a participação de vários amigos, todos meninos vizinhos de quarteirão. Nesse quarto, cujo pé-direito era bastante alto, numa estante com várias prateleiras espaçosas, que alcançavam o teto, a gente guardava os livros. Os meus amigos, que iam para minha casa disputar os campeonatos de futebol de botão, não resistiam ao desejo de folhear ou de ler aquelas publicações atraentes, às quais muitos deles não tinham acesso por falta de condições econômico-financeiras. Não era incomum um ou outro pedir emprestado para levar para suas casas algum volume. Isso me deu a ideia de organizar uma biblioteca. Com a ajuda de meu irmão, encapamos todos os livros com papel pardo, numeramos os livros

e revistas, colando nela algarismos recortados de outros impressos para identificá-los, fizemos o cadastro das obras, bem como dos consulentes. Para ter o direito de retirar o livro e levá-lo para casa, por prazo determinado, o interessado tinha de se associar à biblioteca e pagar uma pequena taxa mensal, que era integralmente revertida para a ampliação do acervo. A iniciativa foi um sucesso e, indubitavelmente, serviu para difundir o gosto pela leitura.

É sabido que a leitura é imprescindível e primordial na formação de um escritor. Para vir a escrever bem, é preciso ler bastante textos bons de escritores renomados. Por sua vez, não ter preguiça de consultar dicionário, nem de reescrever muitas vezes o mesmo texto. Porque eu comecei a ler muito cedo, também iniciei meus textos poéticos aos onze anos de idade. Fiz poesia na infância e na adolescência e somente nesse período. Escrevi para jornaizinhos escolares e tive o meu primeiro trabalho impresso, publicado no “Diário de Piracicaba”, aos 16 anos, por ter obtido uma menção honrosa num concurso de contos de Natal, promovido por esse jornal já extinto. Mais contente fiquei quando esse mesmo conto foi publicado numa antologia piracicabana. Seu título era “O Natal da Orfãzinha”.

Mais ou menos, na mesma época, também tive um poema, intitulado “Num dois de novembro”, estampado no “Jornal de Piracicaba”. O Prof. Benedicto de Andrade, excelente mestre, apreciado jornalista, grande orador, poliglota, que muitos leitores destas linhas certamente conheceram, foi meu professor de língua portuguesa no meu curso colegial e pediu um trabalho escrito, cujo tema era livre e podia ser qualquer tipo redação. Ele gostou do meu trabalho e me surpreendeu com a publicação. Evidentemente, mais contente fiquei eu.

Não posso deixar também de assinalar que tive excelentes mestres do nosso idioma como Leandro Guerrini, Benedicto de Andrade e Zelinda Carmona Pinto Leite, dentre outros. O fato de haver praticamente em todos concursos, vestibulares e outros tipos de seleção a prova de redação, isso

sempre me favoreceu, pois propiciava o aumento da média. Quando prestei vestibular para o Curso de Direito no Mackenzie, o tema da prova de português foi sobre “Marechal Rondon”, valoroso brasileiro que havia falecido dias antes. Nela consegui a melhor nota dentre todos os candidatos, notícia dada em alto e bom som por um dos catedráticos que compunha a banca examinadora no exame oral. Isso explica eu ter sido classificado em 4º lugar.

Eu conto essas coisas não para blasonar ou jactar-me. Faço-o para deixar muito bem claro, o quanto a leitura colabora na hora de escrever. Se escrevo com facilidade é porque li bastante.

Nunca parei de ler e escrever. Com 20 anos, morando e estudando em São Paulo, fui contratado como revisor de uma revista; dois anos depois eu era o seu diretor-redator. A revista chamava-se “Cruz de Malta”, dirigida à mocidade e tinha, em 1958, 18.500 assinantes, número expressivo para aquela época.

Por onde passei, escolas, empresas, igreja, eventos, clubes, eu semeei jornais. Fui fundador e sócio-proprietário de “A Província”, juntamente com Cecílio Elias Netto. Fui redator de jornal acadêmico e também do jornal “O Sud Menucci”, com colegas do curso colegial (de 1951 a 1954). Fundei um jornal interno da Metalúrgica Dedini. Escrevi dois livros: “Autonomia Universitária e Confessionalidade” que teve duas edições (dissertação de Mestrado e “O Diário – A Saga de um Jornal de Causas”). Fiz a edição ou o prefácio de muitos outros.

Para onde eu vou, levo comigo algo para ler. Li muito num período de 10 anos da minha vida, quando andei com a “mala nas costas”, viajando, a trabalho ou em férias, com muitas horas de voo ou em aeroportos, o que fazia parecer que o tempo passava mais depressa. Estimulo as pessoas a lerem. Geralmente, dou livros de presente em aniversário e também gosto de recebê-los nessa data. Vibro quando vejo meu neto e minha neta, lendo seus livros, juntando dinheiro para com-

prá-los ou indo ao dentista com um deles sob o braço, dando tempo precioso para a leitura, sem prejudicar o uso do celular.

Amo meus livros, adoro a minha modesta biblioteca! O mundo das letras é o meu mundo!

Este texto é o da palestra feita pelo autor, no “Recanto dos Livros” do Lar dos Velinhos, como parte do projeto denominado “Retrospectiva”.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI
Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Poema Verde

*Meu poema é verde
porque se impregna de clorofila
das matas e relvas,
arte perfeita do Criador*

*Meu poema é verde
porque verdes são os olhos do meu amor
E mergulho nas plácidas ondas do seu olhar
que me trazem paz...*

*Meu poema é verde porque em meu coração
mora a esperança
acenando que tudo pode melhorar
e o mundo ainda tem jeito...*

“Vou-me embora pra Pasárgada!”

Os versos de Manuel Bandeira foram a inspiração desta crônica. Mas... onde fica Pasárgada? Existe mesmo esse lugar? Dizem que era uma antiga cidade da Pérsia, mas não existe mais. Restou apenas um sítio arqueológico e a metáfora de um local fantasioso, onde reinaria a felicidade plena. Em alguma fase da vida todos temos esse desejo de evasão, quando o mundo se apresenta cruel demais e queremos fugir da realidade e viajar para o mundo das ilusões.

Final de um ano, início de outro, ciclos que terminam, recomeços, e todos ficamos mais reflexivos, questionamos nossa existência e contabilizamos as conquistas e as perdas.

Sonhamos com um paraíso onde não há sofrimento, nem dor, que nos acena promessas de felicidade. Mas só poetas e crianças conseguem vislumbrá-lo em algum momento de suas vidas. Esse éden pode existir em outras dimensões inimaginadas.

“Além do horizonte existe um lugar, bonito e tranquilo pra gente se amar” diz a letra da música. E reza a lenda que no final do arco-íris tem uma ponte que liga a terra ao céu... Muitos tentam localizar o paraíso perdido, o Jardim do Éden descrito na bíblia. Talvez alguns até descubram o portal que se abre para esse Eldorado, mas se o encontram, não contam para ninguém, pois não querem ser chamados de loucos. A maioria dos pobres mortais, apenas o visitam em sonhos, quando estão nos braços do deus Morfeu, entre a vigília e o sono. E quando despertam, ficam com aquele sentimento de angústia, de nostalgia, de querer voltar, mas não sabem como chegar até lá, a não ser em sonhos mesmo.

No conto de Peter Pan, o menino que se recusava a crescer e virar adulto, existia uma ilha denominada Terra do Nunca, um lugar mágico e de localização indefinível.

Talvez só exista no imaginário das crianças e dos adultos com alma de criança. Lá os meninos perdidos vivem aventuras sem fim, com piratas, índios, fadas, muitas descobertas, surpresas e emoções. Emoções essas que só podem ser sentidas e não compreendidas.

E a gente conclui que tudo nesta vida tem que ter uma certa dose de fantasia. Existe o mundo real e o surreal. E às vezes, viver o real é bem doloroso. Por isso é bom sonhar!

Alice, a do país das maravilhas, em seu universo não menos mágico, pergunta ao coelho branco: “Quanto tempo dura o eterno? E ele responde para Alice: “às vezes, apenas um segundo...”

O Pequeno Príncipe, outro personagem intrigante e enigmático, traduz em sábias palavras o que é preciso para entrar nesse mundo onírico: “o essencial é invisível aos olhos e só se pode ver bem com os olhos do coração.”

Termino meu texto com Bandeira, tal como o iniciei: “Vou-me embora pra Pasárgada, lá sou amigo do rei, em Pasárgada tem tudo, é outra civilização! Lá a existência é uma aventura! E quando eu estiver mais triste, mais triste de não ter jeito, quando de noite me der, vontade de me matar, vou-me embora pra Pasárgada, aqui eu não sou feliz...”

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

No sussurro das brumas

Piracicaba é meu nome. Este tem a ver com o rio que a banha, o qual era assim chamado pelos índios e significa “lugar onde o peixe pára”. Isso ocorria na piracema, quando os peixes desejavam escalar seu salto, mas não conseguiam.

Devo ser uma das mais antigas moradoras do local e acredito que todos me conhecem. Batizaram-me por “noiva da colina,” embora minha morada permanente seja no próprio rio, bem perto da cachoeira. O observador mais atento, já deve ter percebido a curiosa coincidência: enquanto os peixes querem conhecer o mundo acima do salto, eu, noiva tento beijar, cativar suas águas, entregar-me a elas sem restrições. Mas, meu branco véu apenas consegue roçá-las levemente.

Não me envergonho dessas manifestações de amor se tornarem públicas, pois sei que os meus conterrâneos, os quais adotei como filhos, ficam orgulhosos com a minha virginal beleza! Extasiam-se ao me verem desfilando com o alvo manto, na passarela de brumas.

Esse desejo de superar obstáculos não são características apenas minhas. São também dos meus descendentes. Não gosto de citar nomes, pois como os amo muito, temo esquecer alguns e magoá-los. Orgulho-me de todos os seus feitos, desde os que contribuiram no passado e agora no presente, para o real progresso de nossa cidade.

Como gosto de observar e fazer associações, conto a quem se interessa, os áureos anos de minha cidade natal, sobretudo os ligados ao seu apogeu econômico. Foram for-

gados sob o símbolo da esperança, pois do verde dos canaviais ela despontou para a vida adulta. Foi uma época pródiga no cenário econômico, quando os engenhos de pinga e logo depois as usinas de açúcar começaram a se expandir. Nesse particular se destacou o Engenho Central, banhado por minhas águas. Havia os trens de carga trazendo a cana para este último e os de passageiros, que transportava para cidades vizinhas e até para a capital do estado. Também os primeiros carros de passeio e o pitoresco bonde, que apesar de vagaroso era um transporte seguro, ziguezagueando nos trilhos sobre os paralelepípedos das ruas.

Outra fase inesquecível do início do século passado foi a boa qualidade das escolas, dos artistas se apresentando no teatro Santo Estevão, na praça central. Quantos jovens e crianças aprenderam com seus filhos ilustres, os quais construíram não só a história local, mas também a nacional!

Ainda falando desse saudoso tempo, não posso deixar de compará-lo aos desse início de 3º milênio. As ruas eram locais alegres, com os vizinhos conversando nas portas das casas, as crianças brincando de cirandas, a praça José Bonifácio com os bancos ocupados pelos namorados e a juventude passeando nas “calçadinhas de ouro”. E agora? À noite, as ruas centrais são vazias de pedestres. Os raros transeuntes e motoristas passam apressados e sempre assustados. O povo reclama dos assaltos, sequestros, furtos, na maior das vezes causados por jovens drogados, presas fáceis de traficantes adultos. Comungo essa desoladora situação com as pessoas de bem, com as quais convivo.

Como seria bom se tudo fosse diferente! Se, ao invés da violência e do pânico entre as pessoas, houvesse só o burburinho alegre das crianças e adolescentes, caminhando tranquilos nas calçadas, a caminho das escolas. Seria tão bonito se as fachadas das casas não precisassem ficar ocultas por muros altos e portões com grades, escondendo as flores dos jardins!

Quando o assunto é cultura, vibro muito e até me descontraio. Como me deleito ao ouvir, ler e admirar através dos amados artistas, as belezas que existem por estas plagas! A rua do Porto, o Engenho Central, a já internacional Escola de Agronomia Luiz de Queirós, legados mais antigos. Mais recentemente o campus do Taquaral, que abriga a Universidade Metodista Piracicabana, a Cidade Geriátrica, Área de Lazer etc.

Mas é nas minhas raízes, aqui nas águas, (apesar do rio nem sempre apresentar vazão suficiente), que mais sinto prazer em ficar. Conheci uma Piracicaba menina, e daqui do salto onde fixei morada, podia observar o crescente número de moradias nas duas margens do rio. Para quem desce o mesmo, não muito longe da margem direita havia um bom número delas. Até erigiram uma capela, tendo Nossa Senhora dos Prazeres como padroeira, a qual foi trocada mais tarde por Santo Antonio.

Meu povo aprendeu a ter fé religiosa desde seu nascimento. E é graças a ela que tenho forças para prosseguir a lida diária.e conservar-me noiva da colina. Houve tempo em que realmente desejei desposar as águas do Piracicaba. Agora já não tenho mais esse sonho. Chego até a pensar que o próprio rio não quis assumir esse compromisso tão sério nos séculos passados, pois temia pelo meu futuro, que é o atual presente. Se o ato do amor maior se consumasse o meu véu estaria todo manchado e talvez, nem mais pudesse ficar esvoaçante devido à poluição que me impuseram, não conservando e zelando adequadamente pelas nascentes que me deram origem e dos meus afluentes. Felizmente, pelo fato do meu véu só resvalar a superfície das águas, fico menos sujeita a essa situação aviltante.

Com paciência, tão minha característica, espero que meus descendentes se conscientizem da importância que tenho para suas vidas e me tratem com carinho, pois o meu maior desejo é oferecer-lhes boas e saudáveis condições de vida. Procuro viver intensamente o presente e aproveitar

as experiências positivas, pois elas constroem um futuro de glórias. Seria imensamente feliz se o meu véu nupcial pudesse refletir sempre o branco da pureza, levando a mensagem da Paz a cada morador.

Continuarei a ser a “eterna noiva da colina”? Só os filhos desse novo milênio poderão responder!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO LINO VITTI
(in memoriam)

Capivaras

Quando Deus-Criador, numa atitude rara,
Num momento feliz de sua divindade,
Dentre os seres criou também a capivara
Com amor, com carinho, com bondade.

E disse-lhe: “crescei, multiplicai-vos” para
Povoar o universo e dar à humanidade
A beleza, a alegria; a Adão recomendara
Conservar, respeitar, lhe dar felicidade.

Adão desobedece e o homem com sua gula
Trucida os animais, das carnes se apetece,
E as regras do universo em pouco desregula.

E nesse “affaire” tristonho as vidas animais
Vão todas de roldão...A Deus não se obedece...
Maiores do que Deus querem ser os mortais.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE
SODERO MARTINS**

Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Experiência no interior de Rio Branco, no estado do Acre

Como diria um jovem nos dias de hoje ao deparar com o silêncio campestre e a ausência do tumulto urbano, “encontro-me no meio do nada!”

Distante do meu lar, habitando por quase seis meses o Estado do Acre, visualizo coisas inimagináveis, fatos que, distante deste local, não tinha a menor ideia de que pudessem ocorrer...

Outro Brasil! Terra de povo simples, tranquilo demais, gente capaz de viver o momento vigente sem se preocupar com o seguinte, diria até, na crença de que assim deve ser: sem pressa para nascer, crescer, viver... Perspectiva de vida? Nenhuma! Planejar ou sonhar que seja... para que? Procriar bem cedo e seguir vivendo é o lema deste povo crédulo de que Deus proverá. Povo este, herdeiro dos seringueiros, responsáveis pela extração do látex e que na História do Brasil já foram heróis.

O local onde me encontro é uma área loteada há pouco tempo, com casas rústicas, pequenas, a maior parte de madeira, poucas de alvenaria. A futura larga avenida que vem da cidade até este Bairro, não passa de uma estrada de terra, as ruas que separam os lotes, na mesma condição, em épocas de chuva tornam-se verdadeiros lamaçais. Sem os costumeiros grandes postes de iluminação de lugares mais desenvolvidos, a escuridão terrestre é favorecida por um céu que brilha verdadeiramente com as infinitas estrelas das atraentes constelações. Ou, quando é tempo de lua

cheia, pode-se sentir a natureza acesa no seu pernoitar límpido, serenamente pleno.

Na madrugada, galos bem no alto dos poleiros disputam saraus matutinos com seus cantos e trinados. As galinhas os saúdam a cacarejar, muitas ao mesmo tempo, algumas desejosas por anunciar seus ovos mornos, ofertas diárias! Já de manhãzinha, bandos de maritacas alvoroçadas cantantes sobrevoam e disputam o espaço a exibir suas belas cores. Tucanos ligeiros, felizes, saboreiam os coquinhos do açazeiro.

Assim que o sol desponta e abraça o terreiro com faixas de luz, farto banquete é servido aos habitantes da chácara, propriedade bem cuidada, local bonito e acolhedor que prospera dia a dia na original "Alameda dos sapos"... Assim, galináceos ciscam famintos, chocas exibem seus pintinhos carijós, amarelos, brancos, avermelhados, todos a passar pelo aprendizado de como se conseguir pequeninas minhocas. Lindo de se ver!

Separados por extenso alambrado garbosos perus se expõem às fêmeas em posição majestosa. Alguns patos e marrecos, após a refeição matinal, se deliciam a banhar-se na pequena represa oitavada, em visível harmonia.

Tal beleza e calma me enchem de estímulo para um resgate urgente das coisas mais simples e significativas que já fizeram parte da minha vida. É certo que não podemos viver num passado (nem tão distante assim!) que já se perdeu por conta da rápida e necessária evolução, da precisa e adiantada tecnologia, mas me ponho a pensar... Esta atual correria louca, às vezes sem sentido, para se chegar não se sabe onde, vai nos proporcionar vantagens e nos garantir mais vida? Vai nos fazer mais felizes? Tenho minhas dúvidas. Só não me altero, nem perco a razão, (como se diz) porque busco acompanhar o desenvolvimento tecnológico e me inteirar das novidades do cotidiano, procurando pesquisar, ler muito e continuar a aprender sempre.

Hospedada na zona rural, hoje considerada urbana,

estou podendo usufruir do campo em companhia da minha filha e genro, ambos professores, sonhadores e idealistas e da minha encantadora neta caçula com a qual me distraio e me realizo constantemente. Como educadora antevejo e abençoo esta menininha, promessa de um futuro brilhante e feliz. Com ela no colo visitei a Biblioteca Pública da cidade. Uma maravilha! Construção sólida, de primeiro mundo, eu diria, em comparação àquelas que visitei fora do país. Infelizmente, durante o tempo que nela permaneci, contei muito poucos usuários. Cheguei a questionar o responsável, o qual me disse ser, a referida, linda e moderna biblioteca de Rio Branco, um presente do atual Governo do PT. Uma lástima a meu ver, espaço tão atraente, completo, verdadeiro convite à cultura, à pesquisa e novos conhecimentos, tão vazio. Não desejando ser inteiramente pessimista, na ala infantil, modernamente equipada, uma jovem contava histórias para algumas crianças, ávidas por momentos lúdicos como aqueles o que representa um esperançoso sinal. Bem preparados, tais alunos terão mais conhecimento e visão para conquistas sérias e decisivas e melhor qualidade de vida.

Esta minha permanência aqui em Rio Branco tem sido uma experiência única. Educadora aposentada que sou, estou apreciando o modo e a qualidade de vida por aqui, analisando prós e contras, observando detalhes importantes e tirando minhas conclusões, com certeza enriquecidas com este delicioso aprendizado. E, ao voltar à minha Terra Natal, Piracicaba, continuarei a ter a companhia de outros netos, estudiosos e informantes levando-me à realização plena. Eles me ensinam, esclarecem, mostram as diferenças e me fazem sentir “cheia de graça”, capacitada para continuar e prosperar mesmo sendo septuagenária.

Para os mais velhos está sendo um desafio enfrentar a vida no contexto atual; tantas novidades, muitas vezes dificultosas, convivência com uma população desnorteada, ocorrência de fatos desastrosos, o desrespeito aos verda-

deiros valores, a falta de civilidade e de consciência, a enganação e propostas absurdas, inadequadas, em todos os setores e níveis, como se fossem naturalmente corretas. É assustador! É preciso não perder a fé, a coragem e a esperança, e angariar força e desejo para viver. Folgo em dizer que tudo isso eu tenho de sobra, graças a Deus!

Sobre os pés...

Muitos já escreveram sobre as mãos, mãos que afaçam, abençoam, aquelas que alimentam, que castigam, outras unidas em preces suplicantes. Inúmeras evocações já foram atribuídas às mãos, seguimentos perfeitos dos membros superiores, “projetadas” com arte para o domínio no exercício do tato, no cumprimento das necessidades do ser humano. Já se falou da beleza, serventia, da aptidão natural, dos dons, ou... das mãos, infelizmente, muitas vezes inúteis que se escondem, atropelam, matam.

Tempos atrás li a crônica de uma professora que, antes de se enamorar por um colega de trabalho, apaixonou-se por suas mãos bem torneadas, ágeis, capazes de produzir obras originais, quer criando arranjos florais sedutores ou no manuseio de pincéis a produzir belos cenários da natureza a óleo ou aquarela, em telas, papéis especiais ou simples folhas de caderno. Mãos estas, capazes de deliciosos carinhos.

Sobre os pés, cada qual conhece os próprios, certamente, mas pouco se fala ou se escreve sobre pés alheios. A cronista à qual me refiro, se mostrou ainda mais apaixonada pelo colega com quem se casou, após descobrir seus másculos e bonitos pés, de dedos longos, bem feitos, capazes de beliscões carinhosos, (herança materna!) dados com muita destreza; pés divinos, verdadeiro destaque, um trunfo daquele corpo

comum, saudável, sensível. Segundo ela, os pés do seu amado conheceram a verdadeira alegria da liberdade, foram pés descalços livres e bem vividos por doze anos, pés que corriam soltos, sem amarras, subiam árvores, penetravam riachos, igarapés, à procura de espécies vegetais. Tais pés só conheceram as solas de sapatos após uma gozação de um velho e carinhoso tio. Este, dirigiu-se ao sobrinho com sua eterna mania de educar. Disse-lhe com afeto, mas exagerada e firmemente:

– Que vergonha! Um homem feito, com barbicha na cara, de família distinta, a andar descalço por aí?!

Sem reação, silêncio total! Acanhados, os pés descalços se retiraram vagarosamente, decididos a não mais “envergonhar” aquele seu corpo jovem, em idade de descobertas fantásticas.

O tempo passou, o menino livre cresceu e adulto se tornou. Junto à amada foi envelhecendo devagar... Tantos sonhos, conquistas, tudo lindo a garantir ter valido a pena todo seu percurso feliz.

Mas, até hoje, nada existe de mais gratificante e realizador do que esbaldar-se nos finais de semana com os pés descalços nos quintais e terreiros da sua vida. E, para finalizar essas suas travessuras pede sutil e carinhosamente à esposa compreensiva e sorridente, uma bacia com água bem quente para o escalda-pés repousante.

E, enquanto seus pés se amornam agradecidos, suas mãos ágeis e carinhosas seguram e massageiam as mãos da companheira num desfecho de gratidão e de paz.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Um mergulho na espiritualidade

Foi o que aconteceu na semana passada, trazido pelo Papa Francisco: Um verdadeiro “mergulho na Espiritualidade”! Emoção contagiante de um Mensageiro da Fé, um ser humano maravilhoso, alegre e incansável, bem-humorado, firme em suas convicções, corajoso em seus pedidos e conselhos, com aquela multidão aplaudindo e sintonizada em suas palavras e seus recados e conselhos, suas brincadeiras, frases e gírias, e ainda com aquele sorriso constante plantado em seu rosto... Peregrino do Amor enviado por Deus ao Brasil, Iluminado pelo Espírito Santo que veio para fazer mudanças, ensinar, reformar e informar muita coisa defasada pelo passar dos tempos.

Naquele traje branco, bonito, totalmente despojado e inverso à vaidade, simples e natural, bênçãos incansáveis por todos os lados horas sem parar, entre gritos e sorrisos do povo, acenos emocionados e maravilhados, sempre forte e cômico do que dizia e queria, para esta juventude tão necessitada de direção, atenção e apoio, cujos ensinamentos a levará sem dúvida daqui para frente, a novos horizontes e patamares elevados. A prioridade para Francisco é “vencer o Mal com o Bem”, sobretudo os irmãos esquecidos, os sofridos, os desprezados, os desamparados, os doloridos e os “descartados”, pelos males da vida, que tantas vezes os pune “deixando-os ao largo”, destruídos pelo egoísmo, desrespeito e insanidade de seres e autoridades que deveriam cumprir suas obrigações, mas que, dominados pela ganância, os enganam, roubam ou os usam sem a mínima compaixão ou honestidade, compor-

tamento vil tão destruidor ao jovem com muito a dizer, e precisa ser ouvido!

Mas... a chuva parou! O frio diminuiu e o sol surgiu aquecendo ainda mais, a alegria de milhões de jovens vindos de todos os cantos do mundo, emoldurados pela paisagem incomparável da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro! A Fé cresceu, e Papa Francisco conseguiu fazer o que queria: “Colocou a Igreja nas ruas”, onde um Cristo ressuscitado atravessou com ele, bairros, ruas e avenidas, visitou doentes, presos, idosos e vítimas das drogas, olhos fixos na “periferia da vida” e na dor saturada de decepções, onde a partir de agora, aguarda ansioso o empenho, a presença e a participação desses seres que, fortalecidos e orientados com palavras de esperança, aplaudem e aceitam o desafio “botando fé”, de colocar em prática o que foi proposto por Francisco que os incentiva afastando os seus medos e desejando que sejam felizes! Abre seus braços e os acolhe em seu coração, beija crianças, fala nos pais e nos avós abençoa deficientes físicos e conclama os “voluntários” a continuarem sua caminhada. Sua Santidade reafirma atitudes de solidariedade e confiança, imprescindíveis nos contatos futuros que virão com mais lógica e generosidade, “mais imaterializados”, e melhor conduzidos pela força da conscientização desses “novos missionários protagonistas do amanhã”, que aflora em seus corações ardentes, a espalhar pelo mundo os feitos que surgirão iluminados de coragem, esperança e alegria, na “cultura do encontro,” tão aguardados, no que for preciso fazer pelo “Irmão”.

Decididamente, Papa Francisco é um “Homem do Bem”, que propõe entre tantas palavras de Fé elevar e respeitar piedosamente a Cruz de Cristo e a devoção a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil! Um ser humano transparente, digno, de vasta cultura, bem intencionado e respeitável, que convenceu e comoveu milhões de pessoas unidas aqui, num grande amor, em busca da tão sonhada Paz entre todos!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

A glória do mundo

Quem já não quis na vida, um dia, a glória do mundo? Quem já não fez coisas detestáveis em nome dela – e depois veio a se arrepender amargamente? Existirá pior travo na alma que o do arrependimento? Eu já quis a glória do mundo – confesso, batendo no peito um *mea culpa* tardio. Uma coisinha besta e à toa, insignificante e tola. Mas quis. Talvez você que me lê, também já tenha flertado com esta ilusão que nos pega pelo desejo de ser reconhecido e valorizado. Vaidade das vaidades. Por quê? – pergunto agora, do alto da minha precária sabedoria. E faço uma outra pergunta: para quê?

Michael Jackson a quis e a teve. Ninguém a mereceu tanto quanto ele. É que ela foi feita para ele e vice-versa. Era um casamento perfeito de glórias mútuas, sem acordos de nenhuma das partes. Comunhão total de talentos. Não dá para entender Michael Jackson sem esta glória, que é brilho *natura* - a glória em seu estado mais puro, elevada à milésima potência pela jactância da genialidade, a dança hipnotizadora, a imagem incandescente andando para trás.

Todos nós já nos olhamos no espelho, um dia, e nos vimos em algum palco imaginário, brilhando, brilhando... Fomos, em algum momento, tocados pelo desejo do sucesso e da fama. Ah, que gloriuzinha foi essa que bafejou perto de nós um sopro de pretensiosa esperança? E o que fizemos para alcançá-la? Trabalhamos conscientes da nossa meta?

Então, para driblar o desejo de glória – tipo a fábula onde a raposa diz que as uvas estão verdes... –, tento um atalho humanístico, onde viceja uma filosofia ajuizada. É o abra-

ço à glória do apagamento, da humildade e do escondimento. Aquele brilho nada opaco de quem opera uma máquina durante muitas horas por dia, numa linha de montagem mecânica e repetitiva. Que acaba em LER.

Sabe aquela gloriuzinha oculta da vida diária, sem o menor glamour, de pegar o ônibus no mesmo ponto toda manhã; da mulher que tem de fazer o arroz e o feijão todos os dias? Bilhões de protagonistas anônimos vivem o sem graça da rotina desgastante, o aplauso solitário, as atitudes e apresentações que ninguém vê, pautadas por um desempenho que exige responsabilidade, honra, dignidade. E, não raro, talento. Eu amo esta glória, ela existe para todos nós, pobres mortais.

Quando penso nos santos, nos de vida monástica, meu coração se enche de um fogo lindo. Mas deve ser porque eu não estou lá. Não sei se aguentaria. Nós, cidadãos do mundo, não servimos para a vida conventual, ou para sermos eremitas. Contudo, cada um, no seu posto, na exata posição em que se encontra agora, está realizando algo de grandioso. Há tantos, neste momento, fazendo algo importante e talvez estejam realizando muito mais, guardadas as devidas proporções, do que os bem intencionados em seu desespero de estar em evidência a qualquer custo, em busca da fama, do sucesso e da glória.

Do ponto de vista estritamente matemático, o que é a glória do mundo? Números, cifrões, porcentagens, lucros? Ó formiguinha cortadeira. Ó formiguinha que transporta a fofoquinha às costas e a leva até o lugar onde o alimento é armazenado. É a glória da natureza. A cigarra canta e folga durante o verão, inebriada pelo próprio canto. Reza a fábula que, chegado o inverno, vai bater à porta da formiga, pedindo comida e abrigo. E se a formiga não estiver contaminada por alguma outra glória besta, abrirá a porta e partilhará o seu pão.

A glória do mundo cega e mata. Matou Michael Jackson. E continuará matando quantos incautos dela se aproximarem e se servirem, sem a necessária prudência. Não se brinca com ela. Os efeitos podem ser catastróficos. Procuraram a *causa mortis* do rei do pop. Pois eu vos digo, sem titubear: foi a glória do mundo. Médicos, legistas, parentes, amigos, legião de fãs, eis o laudo

fatal: foi a glória do mundo. Ela é poderosa e asfixiante. Causa parada cardíaca. Já ceifou vidas preciosas, talentos maravilhosos, de forma impiedosa, lenta ou subitamente, de noite ou à luz do dia, ela tem apagado para sempre o brilho criado à sua imagem.

Ó, meu Deus, livrai-nos da glória do mundo. Prefiro não tê-la. Vai um poema à la Vinícius? Se não tê-la, como sabê-la? Melhor passar ao largo desta dama perigosa, mortífera, com um canto de sereia que nos obriga a amarrarmos a um mastro por dia. Ela arranca do peito o coração e do espírito a fé. Aí, ficamos vazios e cheios de um vácuo profundo. Melhor deixar que a glória passe de levinho, bafeje nossa face e nos deixe ao menos sentir seu hálito – mera curiosidade; que nos acene à distância, aliciadora e provocante, malogrando o seu intento. Seja ela a tentação; nós, a resistência.

Feliz de quem resiste à glória do mundo. Este é o sábio dos sábios. Este terá longevidade e vida farta. Ninguém se iluda com as luzes feéricas que piscam ao longe. “Ah! Se eu pudesse estar lá!...” – suspira uma multidão deslumbrada. Não, não queiram espiar a sala desta glória. Feliz de quem consegue conviver com ela, sem ser esmagado pelo seu peso brutal. Bem-aventurados os que nela encontram sabedoria.

“*Sic transit gloria mundi*” – assim passa a glória do mundo. Ou seja, a glória do mundo é passageira. Enfim, se você está mesmo obcecado por ela, tenha cuidado. Prepare-se. Tanto para alcançar tudo o que ela pode lhe dar e para tudo o que ela pode lhe tirar.

Luar na cozinha

Peço licença para uma revelação: viver é um ato de primeira grandeza. Ainda que o mundo venha a ruir completamente, a alma cheia de amor estará a salvo. Viver é um ato de extrema gratidão, quando se ressurgue das cinzas após três meses com gripe, uma atrás da outra, e dores supostamente rela-

cionadas à coluna. Rever e abraçar amigos – que bem nos faz!

Quero pensar em idéias inovadoras e discutir o futuro. Que a velharia da mesmice e suas variantes não nos contaminem mais. Abaixo o senso comum, “aquela velha opinião formada sobre tudo”, os preconceitos tolos, as conjecturas ancoradas em premissas pouco consistentes ou sedimentadas em experiências negativas.

Então, em mágico momento, encontro a graça na minha cozinha. Vejo a lua refletida no balcão de granito, na extensão da pia. O reflexo atravessa o blindex da cozinha. A lua se projeta inteira, desenhada no granito. Toco no satélite da Terra e sonho.

A imagem que ali se derrama arrepiame intensamente. Em misterioso êxtase, vejo nossa galáxia, o sistema solar, os planetas orbitando e me recordo das visões que tive sentada num banco próximo da varanda, olhando o céu à noite, na chácara do Campestre.

Tomo comigo a lua na pia e vou cuidar de outras coisas. É noite, mas a mulher não para nunca, porque há graça tanta dentro de uma casa. Nós, mulheres, possuímos um dom natural para isso. Ninguém varre o chão melhor que uma mulher. Ninguém organiza louças, talheres, toalhas e demais objetos como ela.

E a cama arrumada? Mãos femininas alisam lençóis e estendem colchas com maestria. Afofam almofadas, perfumam ambientes, fazem a beleza aparecer. Quem pode apresentar uma sala de jantar melhor que a dona da casa? A mesa abençoada de tantas reuniões familiares. Só ela conhece e nutre profundamente este espaço sagrado.

Uma casa brilha nas mãos de uma mulher. A “rainha do lar” tem sob seu comando cada gaveta, cada quadro na parede, o cheiro bom da comida sendo feita, a roupa no varal, a limpeza e a ordem. Se não for ela a cuidar pessoalmente, é outra mulher, a empregada, laboriosa trabalhadora sem descanso. Como a maioria das mulheres.

Homens há que também se interessam pela arrumação doméstica e já vi grandes talentos. Entendem perfeitamente destas tarefas e as executam bem. Certamente, sentem-se reconfortados se contam com a ajuda feminina.

Andando pela casa, guardando objetos nos seus lugares, volto para a lua redonda que brilha na pia de granito. Quero subir num raio deste luar e fugir. Para alguma Pasárgada querida, onde também serei amiga do rei. E de lá mandar lembranças para todos. Haverá internet? Aquele abraço. Piracaba continua linda?

Um abraço apertado aos amigos queridos. Aos leitores deste espaço onde derramo minha alma semanal. Há pessoas incríveis neste mundo e fariam muita falta se aqui não habitassem.

“Fique com Deus!” – escreve sempre um amigo, despedindo-se no e-mail. Fiquem com Deus todos vocês. Sejam abençoados os humildes, bem-aventurados os construtores da paz, consolados sejam os aflitos.

E eu fico por aqui, à espera da noite, para ver o luar na cozinha.

Amigo

Já era tardinho da noite. Ele respondeu que estava imprestável demais para responder. “Escreverei amanhã”.

Respondi em seguida, na velocidade desta tecnologia fantasticamente rápida: “Posso fazer par com você? Somos dois imprestáveis numa noite suja”. Esperei uma resposta, que não veio.

Ah, meu amigo querido! A condição da miséria humana!... A triste e frágil condição de nossas almas! O que fazer dela? O que é que há? Vamos tomar um chope juntos? Você só toma vinho. E é conhecedor, entende tudo. Beleza. Eu sou mais ou menos. Porém, não faço feio. Então, vamos? Você escolhe a garrafa, claro. E brindaremos a este mundo sujo e decaído, que agoniza no fragor das catástrofes e dos assassinatos cuidadosamente planejados. Nem vamos comentar isso, vai. O Ocidente também mata em nome de Deus.

Vamos brindar ao luto destes tempos, meu amigo ilustre. Vamos erguer nossas taças reluzentes ao código de honra pelo qual vimos nos pautando desde sempre. Até a morte! Haja o que houver. Viva! Há honra demais em nós, cavaleiros corajosos da noite suja.

Vamos sair pela noite, meu amigo? Quero me sujar de estrelas. Quero me poluir de poesia, qualquer uma, mesmo as de rima duvidosa (que eu também cometo). Ou ainda, dos mais belos poemas, os de Neruda, as canções desesperadas de amor, aquelas de paixão proibida. Chora comigo?

Uma vez, meu Anjo estava do meu lado e viu que eu havia acabado de escrever um poema cafajeste. Perguntou se eu não tinha vergonha. Respondi que o poema era cafajeste; eu não.

Eu não sou cafajeste. Sou solidária com os imprestáveis, miseráveis, desamparados, numa noite em que os galos se recolhem e os grilos estão em recesso. Ah, os perdidos numa noite suja! Quantos estão por aí?

Eu cantei para você, um dia. Você não ouviu, meu amigo. Quietos aí. Deixe-me acabar de falar. Agora, vou cantar guarânias e boleros em castelhano, de rasgar o peito e vamos chorar juntos. La Barca. Dois imprestáveis. A noite é só uma imagem fantasmagórica da mais astronômica beleza, uma cobera outonal e oportuna.

Vamos, está na hora. Pegue na minha mão. Faça de conta que esta virtualidade que nos separa também nos aproxima e nos deixa face a face. Você não sabe onde fica um belo restaurante para comer um peixe assado na beira do Rio Piracicaba? E eu não sei atravessar sozinha a Avenida Paulista. De mãos dadas com você, como se dizia antigamente, vou até a Conchinchina.

Ah, por que eu escrevo tudo isso? Porque eu vi o fogo. Vi quando nossas almas soltaram chispas, bem na hora em que lhe perguntei se podia fazer par com você, pois éramos dois imprestáveis numa noite suja.

Só que nossa vocação (Deus seja louvado!) é sermos

limpos e belos. E depois do banho tomado, você veste aí um terno e fica maravilhoso. Eu aqui me arrumo, faço a maquiagem, os cabelos brilhando, passo perfume, como toda bela mulher que se preze. Vestida para matar, quero mais é ouvir “que linda!”, quando passar por aí. “É o sal da vida”, diria minha mãe. E então, nossa vocação é a prestabilidade. Temos de prestar e fazer bonito neste mundo decadente. A noite pode ser suja e dura; nós não.

Meu amigo, amigo de verdade! Há quantos anos somos amigos? Há décadas, eu sei. Você me fez favores e jamais te-rei palavras para agradecer. Eu vou às lágrimas. Acredite. Seu grito de socorro chega toda hora até aqui. Mas eu não posso fazer nada. Nada. A não ser enviar esse bilhete eletrônico, apreensivo, solidário, intenso e leal. Cuide-se, belo!

Quero bem a você e não preciso provar. Até o brinde. Se Deus quiser! Você escolha. Eu não entendo mesmo...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Páscoa

O impulso é escrever sobre amenidades e esquecer as más notícias, as nuvens sombrias que pairam sobre o mundo. Neste mês de abril, tão belo em que o próprio nome sugere novidade, algo que se abre, decantado e puro, operando em muitos corações uma renovação de esperança, de amor e de fé, até a natureza, obra-prima de Deus, não deixa por menos a sua maravilhosa acolhida ao Cristo ressuscitado. O verde é mais verde, o colorido das flores mais vibrante, e as rosas, as rosas do outono, incomparáveis em sua beleza ofertante. No outono, até o céu é mais azul para receber um sol mais claro que esparge suas nuances rubras de tons e semi-tons, sempre a dividir o apogeu de um nascimento com a mornidão do crepúsculo.

Ao mesmo tempo que percorremos na Semana da Paixão o caminho da cruz, aportamos enfim, transbordantes de alegria, naquela penumbra fulgurante do sepulcro vazio. Como Madalena, sentimos Sua presença e ouvimos Sua voz: “Não me segures. Ainda não subi para junto do Pai. Mas vai dizer aos meus irmãos: subo para junto do meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. (Jo 20,11-18). E vã teria sido a nossa fé, sem a vitória da Vida sobre a morte, como diz São Paulo. A História do cristianismo nascente é empolgante pela veracidade e a beleza dos textos contidos nos Evangelhos, nas Cartas e nos Atos dos Apóstolos, sobre os quais deveríamos debruçar-nos com mais frequência, tanto para um fortalecimento na fé, quanto para uma segurança maior com o que teremos de nos defrontar em face das ameaças, hoje diretas, contumazes e capciosas.

As baterias se voltam agora contra o próprio Cristo; a insanidade diabólica, carregada de orgulho, quer usurpar o lugar de Deus.

Teorias e obras heréticas perseguem a Sua Igreja, atacam-na com a finalidade de arrecadar grandes lucros. Jesus continua à venda, não mais por trinta moedas, mas por bilhões de moedas. É vendido por editoras e livrarias, autores e atores, indústrias cinematográficas, que O depõe da Cruz e do Altar para a lista dos best-sellers e dos lançamentos e as divulgações absurdas.

Muitas pessoas e cristãos de fachada se rendem às novas teorias, um amontoado de bobagens e heresias, sem qualquer veracidade histórica.

Na Semana Santa, deveríamos ater-nos à Verdade contida nos Evangelhos, meditando profundamente todo o significado da Paixão, sobretudo a Ressurreição de Cristo, sem a qual, como proclama o apóstolo Paulo, nossa fé seria morta, sem sentido. A notícia do Evangelho apócrifo de Judas lançado como herói, fornecida pela National Geographic Society, já mereceu do papa um alerta na celebração de Sexta-Feira Santa, no Coliseu. Judas se enforcou no mesmo dia em que Jesus foi crucificado; portanto não poderia tê-lo escrito. "O que deixa o homem imundo? A rejeição ao amor, o não querer ser amado e o não amar. E a soberba de acreditar que não precisa de purificação, a rejeição da vontade salvadora de Deus. Em Judas, vemos a natureza dessa negação com mais clareza. Ele valorizou Jesus segundo os critérios do poder e do sucesso."

A maldade humana, na sanha da destruição comandada pelo Príncipe das trevas espalha pela terra a confusão, o medo, e o fantasma de uma guerra nuclear. Os ataques terroristas, a rejeição aos emigrantes, a xenofobia, a intolerância e o descaso pela vida humana constituem uma realidade, uma guerra invisível e terrível que já estamos vivendo.

Nessa situação de confronto temos uma linha divi-

sória, a do bem e a do mal. E a opção é nossa. A principal exigência da posição afirmativa é firmeza e convicção, sobretudo destemor para enfrentar uma avalanche que promete ser progressiva, tenaz e agressiva.

Mas o Cristo vitorioso da Ressurreição e da Vida está conosco. Vencendo a morte, Ele nos deu a certeza da vitória sobre tudo e sobre todos. E podemos, a todo momento, em especial nos mais difíceis, dizer-Lhe com amor e confiança, como os discípulos de Emaús: Senhor, fica conosco, o dia já declina e a noite, a noite tenebrosa vem chegando!...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO NEWMAN RIBEIRO SIMÕES
Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

serenata

*E eu que só tinha doze anos,
adivinhei que nunca mais veria lua assim.
Por isso é que me comovem pouco os luares:
tenho um dentro de mim que nada pode vencer.*

(JOSÉ SARAMAGO)

Na minha vila
és a mesma Lua
que banhas outras ruas
deste mundo mu(n)do.
Mas na minha vila
uma melodia
ligou teu chão
ao meu coração.

Lua,
que vagueias sem vô
como uma pedra de sal,
banhada de Sol,
dependurada
no vão do vazio sem varal,
lua-me.
Lua-me,
ovo prateado
ovulado no
escuro do útero cósmico.

(h)ouve(s) o som
inundando o silêncio?
lua (ex)orbitante,
lua-me (ur)gente,
nesta rua onde caminho,
estranho e estrangeiro,
e comove-me os ouvidos.

Não quero a aridez da Lua,
nem o silêncio da madrugada
e nem o úmido nos meus olhos.

quero o luar,
quero a música,
quero um olhar.

sensações luminosas

Oh! Sinto muito!
Se é sobre sensações,
sim,
sinto muito.

O alu(z)cinado
e o lú(z)cido
navegam
no vago sentimento
*de que a distância entre eles
está na ausência ou
na presença de luz.*

Até as águas das cachoeiras
borbulham espumas brilhantes,
sonhando com
as luzes que poderão vir a ser
na extremidade de um fio.

Mas são
luzes de enfeites
quando afetas
aos efeitos,
e são
luzes de efeitos
quando afetas
aos afetos.

**violência cósmica
no meu canto lírico**

Somos a um tempo rio e mar.

(HILDA HILST)

aconteço
cresço
aqueço
esqueço
adormeço

sou como rio
que corre
escoa
cria margens e fronteiras
 que limitam suas águas
num estar sendo
 sem foz e sem começo.

vou rasgando paisagens
 que me questionam
e moldando silêncios presos nos seixos.

quem dança alcança.
na andança, que cansa,
vou construindo,
 pedra por pedra,
meu temp(1)o interior,
deixando pedaços de mim
 apodrecidos
nesses silêncios inauditos.
 silêncio:
 esse tempo que perdeu a voz.
 fui também
 o que deixei de dizer.

e, no eterno caminhar,
 sem começo e sem fim,
 sem fonte e sem porto,
o que restará de mim
depois de morto?

um mísero chão
 de desconforto?
uma mísera réstia de luz de estrela
 despedaçada
 numa cósmica inflorescência de luzes?

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL ARAUJO DELVAJE
Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Só por hoje...

“Nós que imputamos
O entardecer na alma!”

Minha alma acorda todos os dias
E tenta sair da caixa vazia.
E Já sai cansada
Esmorecida!

Não adiante eu dizer
Que alguém implantou o vazio
Se o vazio é nada.

Não adianta me dizer
Que devo ter coragem,
Se a coragem eu pressinto
Distante a léguas.

Não existe a transformação sem dor...
Não existe o limite da coragem...
A coragem não tem limites,
Para mais ou para menos
Ou para nada!

Pense que é só um quarto escuro
Que prende a minha alma
Que espera a luz entrar.

Escondo-me dos olhos alheios!
Só por hoje ... e por enquanto...
vou ficar aqui...
Quieto!
Sob a luz da escuridão
Sob o som do silêncio
Que grita
Sob a voz que ficou presa na garganta
Por toda a vida.
E ainda dirão que não dói
A dor é concreta para alma!

Fica mais um pouco
É o que NÃO vai dizer minha boca
Pois está amordaçada
Com o grito do silêncio

Fica mais um pouco
Mesmo que eu não lhe diga.
Pegue em minhas mãos
E olhe em meus olhos
E cante a cantiga,
De somente nós dois,
Só hoje,
Encha a caixa vazia!

E quando você vai embora
Meu coração pensa:
Fica mais um pouco!
Mesmo assim, minha boca
Continua em silêncio.

Ando prendendo palavras
Em celas solitárias
E faço delas prisioneiras!

Minhas palavras prisioneiras
em celas solitárias
Cavam buracos em minha alma
Tentando escapar.

Mas ainda vou ficar em silêncio...
Só por hoje...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

Ofício

Inda que a vida
e dias os nossos
sejam do ofício
de ossos espinhos
lembrems ensejo
d'alma desejo
no imo aninhando
os passarinhos...



Ocaso

Que ontem esta hora
o céu se festava
de nuvens escondendo
raios luminosos
o celeste azul
e o amarelo dourado
diziam que tarde-
noitecer silenciava...



Hodie

Partir de Hoje
Sou Eu Sou
Partir de Agora
A Esta Hora
Eu Sou Eu

Sem o estigma
do egoísmo
do mundo girando
em volta do umbigo
– Sou Eu Só
O Meu Abrigo

Somente Eu
A Encontrar O Dentro
O Eu Ser
Partir do Hoje
Partir do Agora

Daqui Para Frente
O Encontro da Alma
A Calma do Ser
sem o peso
nem a pena
– O Ser Apenas
Soberana Essência
do Eu Sou

Luazul

Suspeitasse apenas
ouviria mais estrelas
em noites de lua cheia
E ao teu lado e juntos
mais vinho mais beijos
mais poemas cometeríamos

Apenas suspeitasse
que o tempo corre
e a vida morre
mais paisagens venceríamos
Em dias de sol e de mãos dadas
qualquer tema nós dois riríamos

Se apenas suspeitássemos
encheríamos agora nossos copos
importando somente essa lida
de corpo/alma ser/estar-se
em meio à fadas alegorias
mais amores celebraríamos



Cabala

Na Cabala
Nada existe realmente
Tudo Muda Sempre
Tudo Se Torna Sempre
Nasce

Cresce

Morre

e

g d

u e

Atinge seu a c

a

i

Lei do Ritmo em Funcionamento Constante e Contínuo
Realidade Não Existe
Na Cabala
Qualidade duradoura

Fixidez

Substancialidade

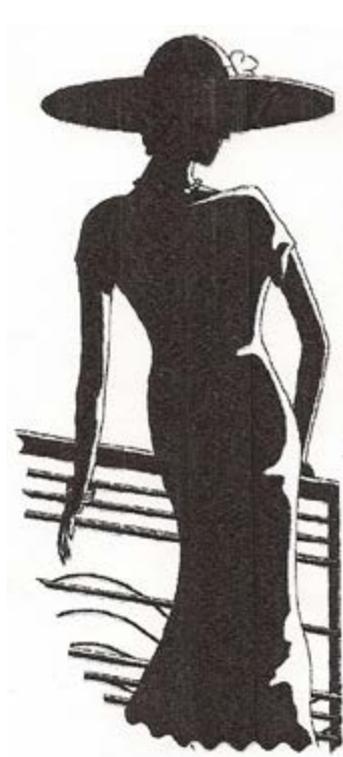
Não existe
Em Nada
Nada é permanente
A não ser
A Mudança
Todas as coisas evoluindo de outras coisas e levando a outras coisas
Ação ou Reação

Fluxo ou Refluxo

Criação ou Destruição

Nada é real
Nada resiste
A não ser
A mudança

Continuuuummmmmmmmm



COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

Um piracicabano em Tóquio

Os japoneses cruzaram mares e oceanos em 1908 a bordo do navio Kasato Maru e desembarcaram no porto de Santos. Foi o início da imigração japonesa no Brasil. Em Piracicaba, os primeiros japoneses chegaram em 1918, portanto, estão completando este ano 100 anos de chegada às terras piracicabanas.

Em 2018, há outra data importante que gostaria de registrar. Em fevereiro, completei 30 anos da minha primeira viagem a Tóquio. Todas as relações com a cultura japonesa mudaram minha vida para sempre. Foi um grande choque de culturas e uma oportunidade de conhecer realidades tão diferentes e especiais.

O texto que apresento a seguir é um registro de algumas experiências na capital do país do sol nascente nas visitas realizadas em 1988 e 1990. No total, foram mais de um ano de permanência em Tóquio. As revelações apresentadas são o resultado da comparação entre duas realidades muito diferentes, diametralmente opostas em vários sentidos, exatamente como verificamos na localização dos dois países, Brasil e Japão, no globo terrestre. Mas são limitadas à acontecimentos de uma época que não existe mais. Atualmente, as informações apresentadas podem parecer normais e familiares, mas à época, com a falta de informações e a existência de sistemas de comunicação limitados, os acontecimentos e novidades surpreendiam.

Em 1988, um pouco antes da minha primeira viagem ao Japão, eu estava iniciando meu quinto e último ano do curso de engenharia mecânica na EEP – Escola de Engenharia de

Piracicaba. Trabalhava como estagiário no departamento de projetos da Philips, divisão áudio, localizada à época no distrito industrial Unileste de Piracicaba

A primeira viagem teve início no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, com uma parada técnica em Los Angeles e chegada, depois de mais de 24 horas, no aeroporto de Narita, no Japão. A Varig era considerada uma das melhores empresas aéreas que cumpria este itinerário. Era um orgulho poder começar esta experiência sabendo que o serviço de qualidade era brasileiro.

Me estabeleci numa pequena empresa localizada no distrito de Shinjuku-ku, cujo significado em português é Nova Pousada, na saída norte da estação ferroviária de mesmo nome. A estação ainda é um dos maiores entroncamentos ferroviários da cidade, com várias linhas de metrô e trens.

A região de Shinjuku era muito privilegiada, pois foi o bairro escolhido para a construção dos maiores edifícios da capital japonesa e sede dos principais conglomerados empresariais do Japão. Apesar dos terremotos, todos os prédios eram projetados com amortecedores e estruturas próprias para suportar os tremores.

O comércio em Shinjuku chamava a atenção pela quantidade de empresas, lojas e pessoas circulando por todos os lados. Os estabelecimentos comerciais funcionavam sete dias por semana, com exceção no dia primeiro de janeiro. A vida noturna era muito agitada, com uma variedade de restaurantes e casas de jogos de diversão, principalmente de pachinko e videogames. As luzes dos letreiros davam um toque especial às noites do distrito, exatamente como nos filmes futuristas. Era frequente encontrar na frente de restaurantes ambulâncias retirando clientes pelo excesso de álcool consumido.

A vista do meu quarto era especial. Em primeiro plano havia o Parque Central de Shinjuku (Shinjuku-ku Central Park ou Shinjuku **chūō kōen**) e ao fundo uma sequência de prédios alinhados e imponentes. Da esquerda para a direita, os edifícios eram os seguintes: Hyatt Regency Tokyo Hotel,

Shinjuku Sumitomo Building, Shinjuku Mitsui Building, Sompo Japan Building, Shinjuku Center Building, Keio Plaza Hotel, Shinjuku NS Building e Shinjuku Washington Hotel.



O Parque Central de Shinjuku tinha dupla função, abrigando, no subterrâneo, suprimentos para serem usados em casos de emergência. O terremoto sempre mobilizou os japoneses no planejamento de ações para minimizar os resultados de tragédias.

Entre meu apartamento e a estação de trem ficava o Shinjuku NS Building. Era uma parada quase que obrigatória para visitar algumas exposições e contemplar o relógio único existente em seu saguão, considerado o maior do mundo pelo tamanho do pêndulo e pelas suas características peculiares. O marcador circular era de 24 horas, acompanhado dos símbolos do zodíaco. A vista do restaurante no último andar no Shinjuku Washington Hotel também era especial.

Não cheguei a conhecer a visitar a construção mais importante de Shinjuku, o Edifício do Governo Metropolitano de Tóquio (Tóquio City Hall ou **Tōkyō-to Chōsha**). Mas

acompanhei sua construção de camarote, das primeiras estacas do alicerce à finalização dos andares superiores. Registrei a evolução das obras e a subida do edifício com minha máquina fotográfica Pentax, usando lentes teleobjetivas especiais para grande aproximação. Tirei muitas fotos do prédio e da cidade, mas ficava sempre preocupado com o preço não tão acessível dos filmes e da revelação.

Como engenheiro recém-formado, achei fantástico o método de construção utilizado neste edifício. Era uma novidade que não podíamos conferir no Brasil. A estrutura principal das duas torres foi construída com pilares e vigas em aço e as partes, moldadas em outro canteiro de obras, eram transportadas e montadas uma a uma até completar os 48 andares do complexo do governo. Antes de sua inauguração em 1991, voltei ao Brasil.

Meu tutor e padrinho japonês era dono da empresa em que me estabeleci. Passei grande parte do meu tempo com ele, sua esposa e dois filhos pequenos. Com o tempo, passei a me sentir parte da família. Um dos meus compromissos era conversar em português, já que ele trabalhou por um tempo no Brasil nas obras da usina de Itaipu e queria praticar o idioma.

A rotina diária na empresa era de muito trabalho. A principal atividade envolvia a exportação de equipamentos de fax (fac-símile) e copiadora para empresas brasileiras na modalidade CKD (Completely Knock-Down). Nesta época, havia uma proteção do mercado brasileiro, que impedia que placas e componentes eletrônicos fossem importados. Portanto, os equipamentos japoneses eram desmontados, a eletrônica retirada, as partes plásticas reembaladas e depois enviadas para o Brasil. A empresa se preocupava, também, com a transferência de tecnologia destes equipamentos para o Brasil.

Outro equipamento exportado pela pequena empresa japonesa era uma novidade à época. Impressoras de vídeo (video printer) seguiam para a filial brasileira para atender o mercado médico, na impressão de imagens de ultrassom em substituição ao filme radiológico. Os equipamentos, de marca

Sony, eram vendidos com marca própria no Brasil na modalidade OEM (Original Equipment Manufacturer).

O Japão é um país de dimensões muito reduzidas, com área 52% maior que do estado de São Paulo. Apesar disso, as regiões mais importantes de Tóquio, formadas por grandes avenidas, parques, templos e estações de trens, são espaçosas e tornam os ambientes muito agradáveis. A região de Shinjuku era um bom exemplo disso.

Uma modernidade muito comum nos restaurantes à época era o uso de máquinas para pagamento das refeições. Bastava inserir moeda ou dinheiro, escolher o prato, apertar um botão, retirar o tíquete e entregá-lo para os atendentes no balcão ou mesa. Nas estações ferroviárias, a compra dos bilhetes também era totalmente automatizada. As máquinas de venda automática (vending machines) podiam ser encontradas por toda a cidade, tanto nas regiões comerciais quanto nas residenciais. A variedade de produtos para venda era imensa. No inverno eu adorava comprar café, pois a lata saia quentinha da máquina e aquecia as mãos.

As refeições diárias no escritório eram fornecidas por uma empresa especializada. A marmita (**Bentō**) era servida em duas bandejas pequenas, a maior com arroz e a menor com peixe, legumes, conservas e outras misturas. Dois temperos básicos eram usados na refeição, o molho shoyu e o condimento furikake, este para dar sabor diferenciado ao arroz. O consumo de doces não era muito comum. Hoje penso como era saudável o meu cardápio.

Visitando algumas feiras técnicas e comerciais, tive contato com a tecnologia de armazenamento de dados, áudio e vídeo utilizando as mídias CD e DVD, algo ainda inédito no Brasil. Durante a visita à empresa pública de televisão NHK (Nippon **Hōsō Kyōkai** ou Corporação de Radiodifusão do Japão), localizada ao lado do Parque Yoyogi, assisti uma demonstração da TV digital de alta definição que estava ainda em desenvolvimento. Depois de 30 anos, esta tecnologia desembarcou em Piracicaba.

O trânsito na cidade de Tóquio era sempre caótico. O transporte ferroviário era a alternativa mais viável para os deslocamentos a trabalho ou passeio. A abrangência da malha ferroviária no Japão possibilitava alcançar praticamente qualquer localidade da cidade e do país. A limitação das viagens estava na tarifa, cobrada pela distância percorrida, ou seja, quanto mais longe a viagem, maior era a tarifa. Não existia a tarifa de transporte única tão comum no Brasil até os dias atuais.

Depois de um determinado horário, apenas os taxis estavam disponíveis. Os taxistas usavam luvas brancas e as portas abriam e fechavam automaticamente. No trajeto entre a residência e a estação de trem, os japoneses preferiam a bicicleta. Os estacionamentos de bicicletas eram enormes.

Num dos feriados, fui com a família japonesa para a praia visitar o Sea World em Kamagawa, distante 100 km de Tóquio aproximadamente. O engarrafamento estava tão grande que a viagem de ida demorou praticamente o dia inteiro.

Os japoneses possuem uma relação muito especial com a música. Minha amiga de escritório adorava as músicas brasileiras, principalmente a bossa nova. Conhecia os nomes dos cantores e comprava CDs. Locais com karaokê tinham aos montes. Nos espaços destinados aos jogos, podíamos entrar no karaokê box, uma espécie de cabine para acomodar um grupo de amigos para cantar. Uma boa diversão musical era visitar o Parque Yoyogi aos domingos para acompanhar as dezenas de bandas que, espalhados pelo parque, cantavam todos ao mesmo tempo. Os integrantes usavam as mais extravagantes roupas e cabelos, de todas as cores e formatos.

A polícia na cidade também chamava a minha atenção. Muitos policiais andavam de bicicleta e praticamente todos usavam sistemas de comunicação. As TVs japonesas sempre foram muito rígidas no cumprimento da grade e horários dos programas. Por exemplo, era difícil acompanhar um jogo de baseball ou luta de sumô até o final. Sempre que terminava o horário estabelecido na programação, a transmissão do jogo

era interrompida e próximo programa começava. Isso para qualquer evento esportivo ao vivo, independente da importância.

A natureza sempre era muito implacável na capital japonesa. Os terremotos não eram os maiores problemas. A chuva constante em alguns períodos do ano e os tufões frequentes deixavam os dias tristes e desanimadores. E a neve, rara na capital, embelezava as paisagens no primeiro dia, mas, a partir do segundo, já começava a incomodar.

O verão e a primavera eram muito aguardados. As flores de cerejeira anunciavam a primavera e os parques ficavam lotados para piqueniques e celebrações do início da melhor estação do ano. Era o momento de visitar os parques e templos, sempre muito organizados e preparados para receber visitantes. Os fotógrafos japoneses ficavam horas com as máquinas fotográficas apontadas para as flores aguardando o momento exato para o registro fotográfico.

A expectativa quanto aos terremotos sempre foi uma sensação muito estranha. Nada de grave aconteceu durante minha estadia, felizmente. Mas a estrutura do prédio em que morava era tão sensível que, quando veículos pesados passavam em algumas depressões na rua, o prédio balançava e parecia que um terremoto estava acontecendo.

A cultura japonesa parecia uma mistura de um tempo milenar com outro moderno e tecnológico. O antigo estava nos templos, músicas, culinária, vestimentas e cerimônias tradicionais. O novo podia ser visto na tecnologia, robótica e em comportamentos de influência americana.

A comunicação com o Brasil era sempre uma dificuldade. As ligações telefônicas eram caras e realizadas apenas em ocasiões especiais. A melhor alternativa ficava com as cartas, que demoravam entre uma e duas semanas para atravessar o mundo.

O aprendizado foi enorme durante minha estadia em Tóquio. Um dos ensinamentos que mais me marcou partiu do meu padrinho. Durante a visita a um parque, ele pediu

para que eu olhasse para um pai, vestido com um uniforme de jogador de basebol, que brincava com um filho. Disse que, enquanto este pai estava se divertindo, ele passou a vida toda trabalhando. Hoje entendo que o Japão é um país organizado e a terceira economia mundial porque alguns japoneses trabalharam muito, pensando no país acima de tudo.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Academia Brasileira de Letras **Quando os imortais se reviram no túmulo**

Criada em 1897, a Academia Brasileira de Letras procurou dar aos seus integrantes – os imortais – um destaque social que a própria literatura não conseguia oferecer. Jocosamente, Olavo Bilac dizia ser imortal porque “não tinha onde cair morto”. O presencioso qualificativo surgiu para afirmar que suas obras deixadas seriam lidas e discutidas pelas gerações futuras.

Os acadêmicos, geralmente com a idade já avançada morrem naturalmente com mais facilidade. Diante das elevadas despesas que a Academia enfrentava a cada falecimento, resolveu, em 1962, na gestão de Austregésilo de Athayde, construir um mausoléu coletivo com 32 túmulos e 90 nichos, situado no alto de uma colina com vista para o Cristo Redentor, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Machado de Assis, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ribeiro Couto, Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, José Cândido de Carvalho, Austregésilo de Athayde são alguns dos ilustres acadêmicos lá sepultados.

Por ocasião do falecimento de algum acadêmico, se necessário, desocupa-se um túmulo, transferindo para um nicho e o recém habitante do mausoléu passa a ocupá-lo. Em levantamento de janeiro de 2017, havia somente duas vagas para os túmulos e dezessete vagas disponíveis para os nichos.

Destaque-se que as mulheres dos acadêmicos também gozam do descanso no mausoléu; Machado de Assis deixou expresso no testamento que não gostaria de ser separado da mulher e, por isso, também Carolina lá se encontra; com este precedente, as esposas adquiriram o direito. O poeta João Ca-

bral, que casou duas vezes, levou as duas. A escritora Nélida Piñon, embora viva, levou a mãe.

A sepultura 27 tornou-se a mais polêmica do mausoléu, pois cobriu o espectro ideológico brasileiro. Em 1979 faleceu Elmano Cardim, dono do *Jornal do Commercio*, onde escrevia os editoriais, em tom liberal de espírito conservador e descrente na eficácia das revoluções. Em 1999, morreu Darcy Ribeiro, escritor e político de esquerda tendo sido Chefe da Casa Civil do Governo João Goulart interrompido pelos militares, vice-governador no governo de Leonel Brizola, no estado do Rio. A diretoria da Academia transferiu os restos mortais de Cardim e esposa para o nicho e no túmulo 27 entrou Darcy Ribeiro. Tendo chegado o Dia de Finados, Elmano Cardim Júnior, munido de vaso de flores, foi visitar os pais e, para sua surpresa, os nomes estavam raspados e brilhava o de Darcy Ribeiro. De imediato, o coveiro foi alvo de desentendimento, e tempos depois foi movida ação judicial contra a Academia por dano moral, tendo sido ganha e recebido 100 salários mínimos. Argumentou que, por convicções completamente opostas, a substituição fora afronta ao falecido Elmano Cardim. E em 2016, morre Ferreira Gullar, poeta e crítico de arte tendo sido militante do Partido Comunista e perseguido pela ditadura militar, mas aos últimos anos de vida escrevia críticas na imprensa com ataques ao Governo do PT. Sepultado no túmulo 27, a honra dos Cardim foi lavada.

Há casos de solução difícil. Ribeiro Couto, escritor de destaque para a geração dos modernistas, hoje pouco lembrado, há 53 anos na sepultura é o mais longo dos habitantes; sendo diplomata, faleceu na França e para transportá-lo, foi embalsamado; portanto, conservado como foi enterrado não pode ser exumado.

Pontes de Miranda (37 anos), Cândido de carvalho (27 anos), Austregésilo de Athayde (23 anos) são os mais longevos. A Academia não divulga os critérios para o remanejamento dos restos mortais do túmulo para os nichos.

Obs.: estas informações foram obtidas em artigo publicado na *Revista Época*, Editora Globo, edição 969, 16 de janeiro de 2017.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME

Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

**Ausente para o próximo
atento para o distante**

Aquela figura parecia uma coisa surrealista.

Cabelo com muitas amaras, unhas longas e pretas, aparelho de correção dentária, lábios pintados em cor metálica, orelhas alongadas pelo peso de grandes brincos de argola, óculos quebra sol com aros metálicos e lentes cor de abóbora, salto alto com plataforma, cinturão em bolas de vidro e fivela de madeira, meias curtas com pequenos desenhos de golfinhos, saia curta e arredondada, blusa de nãilon com zíper de cima em baixo, pulseira de argolas de silicone leve, colorido, um celular seguro ao ouvido esquerdo, por mão cheia de anéis, dois ramos de fios ligando os ouvidos a uma bolsinha na cintura, uma grande bolsa vermelha a tiracolo com uma fecho que mais parecia a um cofre antigo, uma corrente de corda no pescoço, e somando a tudo isto uma pinta na testa acima dos olhos grandes com luzes que pareciam olhar para lugar nenhum.

Aquela figura caminhava pela calçada estreita como se fosse a algum lugar, com passos largos e rompante de silicone trombando em todo mundo e abrindo alas, com o chão que pisava sendo pouco para aquilo a que se estava propondo, pois parecia um presépio ambulante em movimento. Tudo, menos elegante.

Quando me apercebi, a olhar aquilo, notei que ela “estava”, ela não “era”, porque queria estar ali e também em muitos lugares, ocupando espaços outros, se pulverizando para poder estar dentro de sua tribo.

Atualmente, temos a impressão que a tentativa de “es-

tar” está suplantando a condição de “ser” de muita gente, invertendo a ordem da sustentação da vida: primeiro ser para depois estar.

Nota-se, mais atenção ao periférico do que ao “ser” como individualidade. Essa tentativa, e procedimento vai fazer muita gente cair no “vazio”, e desse modo lembro o fato da caricatura do homem que precisava de crédito e foi a um banco. Encontrando-se sentado em uma cadeira alta com os pés no ar em frente do gerente, sem sustentação, a pedir crédito. Não foi atendido, ele só “estava” ele não “era”. Quem merece crédito nessa posição sem os pés no chão?

Os valores e princípios estão instalados no “ser”, que poderão com eles estar ocupando os espaços da construção da humanidade. O que é periférico, não se encontrará como foco, e se tornará moda, que passará dando caminho ao que vier como expressão da realidade.

O simples, apesar de sua simplicidade dominará o complicado, pois anda de mãos dadas com a estética, realçando o ser dando-lhe estrutura tão necessária a alma humana. A feiúra aparece mais com enfeites do que sem eles. Não seja frufu, mas pode se “produzir”, massageando o ego de vez em quando. Se “produzir” não dirija.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO

- Em 8 de Março, a acadêmica **Leda Coletti**, foi premiada no V Concurso de Poesias, Crônicas e Contos da AFPESP (Associação dos Funcionários Públicos do Estado de S.Paulo), com a crônica “Tesouros”.
- A Academia Piracicabana de Letras manifesta profundo pesar pelo falecimento do acadêmico **Cézario Ferrari** no sábado (21/4), aos 77 anos. Sócio-fundador do Grupo Bom Jesus Assistência Funeral desde 1970. Também foi diretor da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba e durante mais de 20 anos fez parte da diretoria da Acipi (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba).



Ferrari também era voluntário e apoiava obras assistenciais e ações culturais em Piracicaba. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e era acadêmico da Academia Piracicabana de Letras, cadeira número 12, patrono Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

Ferrari deixou a esposa Vera Cuch e os enteados Juliano, Bianca, Giovana, Carlos e Alex, além de parentes e amigos.

• • •

A Diretoria da APL está imensamente agradecida pelo apoio financeiro recebido pelo confrade Cézario de Campos Ferrari que sempre acreditou no ideal desta obra.

- A acadêmica **Maria de Lourdes Piedade Soderro Martins** lançou o livro infantil “Patusquinho”, pela editora Audaxia, ilustrado pelas suas três netas: Agnes, Isadora e Sophia.
- 
- O Blog da APL está ativo há 9 anos, sendo sempre atualizado pela acadêmica **Ivana Maria França de Negri** e atraindo grande número de visitantes.
<https://academiapiracicabana.blogspot.com>
A APL mantém também uma página no Facebook
 - O acadêmico **Gustavo Jacques Dias Alvim**, foi convidado a falar sobre sua trajetória de vida no Recanto dos Livros pelo também acadêmico João Nassif e Adolpho Queiroz, no final de fevereiro.
 - No dia 24 de março foi a vez da acadêmica **Ivana Maria França de Negri** fazer uma retrospectiva sobre sua trajetória literária no Recanto dos Livros.
 - Em abril foi o acadêmico **Esio Antonio Pezzato** a participar do projeto “Trajetórias”.
 - Em maio o acadêmico **Newman Ribeiro Simões** e seu irmão Douglas Ribeiro Simões contaram suas respectivas trajetórias no Recanto dos Livros.
 - A acadêmica **Valdiza Maria Caprânico** foi reeleita para mais uma gestão como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e inaugurou as novas instalações do IHGP no bairro Jaraguá.

- Vários acadêmicos participaram do 15º aniversário do Museu Martha Watts com varal de textos ilustrados.
- O acadêmico **Geraldo Victorino de França** já está com seu quinto livro de verbetes variados “Aprendendo com o Voinho” em fase de impressão e deve ser lançado brevemente.
- As acadêmicas **Leda Coletti, Aracy Ferrari, Carmen Pilotto, Raquel Delvaje, Lourdinha Sodero e Ivana Negri** montaram um Jogral e varal de textos com o tema Paz no I Sarau Literário da E. E Dom Aniger Melillo.
- A Academia Piracicabana de Letras elegeu em Assembleia Geral a nova diretoria para o próximo mandato 2018/2021. Ficou assim constituída:
Presidente – Vitor Pires Vencovsky
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri
Primeira Secretária – Ivana Maria França de Negri
Segunda Secretária – Carmen M. Silva Fernandes Pilotto
Primeiro Tesoureiro – Edson Rontani Junior
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari

Conselho Fiscal

Gustavo Jacques Dias Alvim

Alexandre Neder

Walter Naime

Editor e Jornalista Responsável

João Umberto Nassif

Conselho editorial

Evaldo Vicente

Antonio Carlos Fusatto

Ivana Maria França de Negri

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS
TRIÊNIO: MAIO DE 2018 A ABRIL DE 2021

Presidente – Vitor Pires Vencovsky
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri
Primeira Secretária – Ivana Maria França de Negri
Segundo Secretário – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Primeiro Tesoureiro – Edson Rontani Junior
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari
Conselho Fiscal – Gustavo Jacques Dias Alvim
 Alexandre Neder
 Walter Naime

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil
André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
Antonio Carlos Neder – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra
Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion
Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado
Barjas Negri – Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini
Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira n° 19 –
Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono:
Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – (*in memoriam*)
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madale-
na Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José
Ferraz de Almeida Junior
- Esio Antonio Pezzato** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio
Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortu-
nato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira n° 27 – Patrono: Sal-
vador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim
Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona:
Laudelina Cotrim de Castro
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fer-
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário (*in memoriam*)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira n° 26
– Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 – Patrono:
Luiz de Queiroz

Marisa Amábile Fillet Bueloni – Cadeira n° 32 – Patrono:
Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira n° 2 – Patrona:
Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono:
José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria
Cecília Machado Bonachela

Newman Ribeiro Simões – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de
Melo Ayres

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francis-
co Lagreca

Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz
Guidotti

Raquel Araujo Delvaje – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam
Ribeiro de Souza Rezende

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira
n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Sílvia Regina de Oliveira – Cadeira n° 22 – Patrono: Eroti-
des de Campos

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont
Nobre Ferraz

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de
Andrade

Walter Naime – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



1778177 271008